

**UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**EDUCAÇÃO ENTRE AS GRADES
O espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos
apenados**

Nycia Nadine Negrão Nassif

**Canoas
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

Nycia Nadine Negrão Nassif

EDUCAÇÃO ENTRE AS GRADES
O espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos
apenados

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof^o Dr. Alfredo Veiga-Neto

Canoas
2006



Sala de aula

[...] quando tiverdes conseguido formar assim a cadeia das idéias na cabeça de vossos cidadãos, podereis então vos gabar de conduzi-los e de ser seus senhores. Um déspota imbecil pode coagir escravos com correntes de ferro; mas um verdadeiro político os amarra bem mais fortemente com a corrente de suas próprias idéias; é no plano fixo da razão que ela ata a primeira ponta; laço tanto mais forte quanto ignoramos a sua tessitura e pensamos que é obra nossa; o desespero e o tempo roem os laços de ferro e de aço, mas são impotentes contra a união habitual das idéias, apenas conseguem estreitá-la ainda mais; e sobre as fibras moles do cérebro, funda-se a base inabalável dos mais sólidos impérios. (FOUCAULT, 2004a, p.86)

AGRADECIMENTOS

Agradeço a *Alfredo Veiga-Neto*, por quem tenho grande admiração e respeito, por sua simplicidade e sabedoria. Durante a trajetória como meu orientador, foi paciente, compreensivo com as minhas dificuldades e limitações, apontando equívocos, sugerindo alterações e, principalmente, desafiando-me a caminhar sozinha.

Também sou grata ao meu grupo de orientação que caminhou comigo até aqui, incentivando-me e auxiliando-me nas discussões dos nossos encontros e, em especial à *Roberta Acorsi* que, com sua paciência e conhecimento, leu e releu por diversas vezes o meu trabalho, fazendo observações e propondo sugestões sempre pertinentes.

Agradeço ainda, aos *Professores* do Programa de Pós-Graduação em Educação, pela dedicação.

Não poderia me esquecer da *Scheila*, secretária do curso de Mestrado em Educação. Sempre simpática, esteve disponível para as dúvidas, resoluções de problemas e até para ouvir desabafos.

À *Banca Examinadora*, por terem me dado o prazer de ser avaliada por pessoas tão respeitadas no mundo acadêmico, bem como pelas suas contribuições, meus sinceros agradecimentos.

Além disso, sou grata aos *apenados* da PASC, pela disposição e contribuição para a pesquisa realizada.

À *Miriam Piber Campos, Débora Barros e Lílian Born*, sou especialmente agradecida, pelos laços de amizade que criamos.

À *Renée Nassif*, mais que cunhada, sempre amiga.

Com carinho, aos meus filhos *Andressa e Igor*, o melhor de mim.

Especialmente ao *Aramis*, pelo incentivo, paciência e carinho dedicados durante todo o mestrado e a realização desse trabalho, principalmente pelos nossos longos e apaixonados debates que influenciaram em muito a minha vida e essa dissertação. Ela tem muito de você.

RESUMO

Esta pesquisa procura discutir como se produz o disciplinamento de apenados nas salas de aula instaladas no interior das prisões, descrevendo, analisando e problematizando as práticas pedagógicas na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas, RS. Inspirada em trabalhos situados em uma vertente pós-moderna e pós-estruturalista, bem como nos estudos de Michel Foucault, sobre poder, saber, sujeito e instituições modernas, analisa o espaço disciplinador da sala de aula na prisão, não como um espaço neutro, mas que favorece ao imaginário dos apenados uma situação de autodisciplina e autogoverno. Procura investigar, a partir da análise do tempo e do espaço que o apenado ocupa nessa sala de aula, como acontece o seu disciplinamento, que o faz agir de maneira diferente nesse lugar, em relação aos outros locais dentro e fora da prisão. Para respaldar essa pesquisa, foram realizadas observações da rotina prisional e da rotina escolar, entrevistas, conversas informais e depoimentos escritos de apenados, funcionários, professores, além de análise de alguns documentos penais e escolares.

Palavras-chaves: disciplinamento, espaço escolar, apenado, prisão, poder.

ABSTRACT

This researches search discuss as the disciplining is produced of penalized beings in the classroom installed in the interior of the prisons, describing, analyzing and problematizing the pedagogical practices in the Prison one of High Security of Charqueadas, RS. It is inspired in works situated in a post-structuralist and post-modern slope. It is inspired, also, by the studies of Michel Foucault about power, knowledge, subject and modern institutions, to analyze the disciplinary space of the classroom in the prison, not as a neutral space, but as a space, that favors to the imaginary one of the penalized beings a situation of self-discipline and self-government. I intended to investigate from the analysis of the time and of the space that the penalized being occupies in that classroom as it happens the disciplining, that is going to act of a different way in this place, regarding the others localities inside and outside of the prison. For they backed that research, were carried out observations of the prison and of the school routine, interviews, informal conversations and writing statements of penalized beings, members of staff, professors and analysis of some school and penal documents.

Keywords: disciplining, violence, school space, penalized beings, prison, power.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Galeria:	8
Fig. 2 – PASC: Vista externa.....	17
Fig. 3 – Esquema Poder e Violência.....	27
Fig. 4 – PASC: Vista Externa.....	38
Fig. 5 – Professora e sala de aula.....	52
Fig. 6 – Galeria: PASC.....	75

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAPÍTULO I: CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
A) Por onde trilho meus (des)caminhos.....	11
B) Partindo de onde?.....	13
CAPÍTULO II: A PRISÃO.....	18
A) Punir ou reabilitar?.....	18
B) Dominação: poder e violência.....	26
C) A educação cerceada.....	35
CAPÍTULO III: UMA INSTITUIÇÃO DE SEQÜESTRO DENTRO DA OUTRA.....	39
A) O espaço escolar entre as grades.....	39
B) Aluno ou bandido?.....	44
C) O disciplinamento dos apenados.....	48
CAPÍTULO IV: A PRISÃO DE DENTRO PARA FORA.....	53
Os carcereiros.....	54
Análise de documentos.....	57
Os professores.....	58
Sala de aula – Observações.....	62
Alunos.....	65
CAPÍTULO V: AONDE CHEGUEI.....	76
Desconstrução da possibilidade ressocializadora da pena de prisão: da violência ao disciplinamento do apenado/aluno.....	76
REFERÊNCIAS.....	80
OBRAS CONSULTADA.....	83
ANEXOS	
Anexo 1 – Pesquisa de Campo	
Anexo 2 – Fotografias	
Anexo 3 – Ligas de aula	
Anexo 4 – Textos dos apenados sobre a escola	



Fig. 1 – Galeria: PASC

Muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu a minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminho – isso, ao meu ver, sempre repugna! Preferiria perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. (NIETZCHE, 1998, p. 272)

APRESENTAÇÃO

A pesquisa que realizei e exponho nesta dissertação busca discutir como se produz o disciplinamento de apenados nas salas de aula instaladas no interior das prisões, descrevendo, analisando e problematizando as práticas pedagógicas na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas, RS (PASC/RS). Ao submeter esta dissertação à apreciação da banca examinadora, não trago apenas um estudo feito, mas me exponho, me experimento para, então, experimentar mais. É chegado o momento de me fazer conhecer, de fazer compreender minhas intenções e de ser avaliada. Desconstruo para tentar, então, (re)construir uma outra idéia que até então tinha como verdadeira: as instituições prisionais têm por finalidade, preparar os indivíduos para serem reinseridos na sociedade.

Para desenvolver o tema proposto, optei por distribuir a dissertação em cinco capítulos, os quais descrevo a seguir.

O primeiro, *Considerações iniciais*, apresenta duas subdivisões: a) *Por onde trilho meus (des)caminhos*, em que procuro traçar (e, assim, construir) o percurso histórico-pessoal do meu interesse e desejo de pesquisar o assunto; b) *Partindo de onde*, seção na qual apresento o referencial teórico utilizado na pesquisa, inspirado, principalmente, nos estudos de Michel Foucault sobre poder, saber, sujeito, disciplinamento e as instituições modernas.

No segundo capítulo, intitulado *A Prisão*, faço um breve histórico da prisão e sua finalidade. Nas subseções intituladas a) *Punir ou Reabilitar*, b) *Dominação: violência e poder*, e c) *A Educação cerceada*, pretendo discutir a dupla função da pena de prisão, a diferença entre violência e poder – dois conceitos básicos e centrais em meu estudo – bem como o papel da Educação na execução da pena. Com isso, já explicito, aqui, que essa dissertação toma o pensamento de Michel Foucault como norteador, especialmente quanto ao domínio do ser / poder.

No terceiro capítulo, *Uma instituição de seqüestro dentro de outra*, organizado nas subseções a) *O disciplinamento dos apenados* e b) *Aluno ou bandido?* apresento meu objeto de estudo, situando-o no espaço escolar da prisão, procurando descrever como se dá o assujeitamento dos apenados nesse espaço

No quarto capítulo, *A prisão vista de dentro para fora*, exponho o material coletado durante onze meses, em especial na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas, composto de questionário, entrevistas informais, depoimentos e documentos escolares, bem como observações em sala de aula e da rotina prisional, que mostram a vida, intramuros, dos apenados enquanto cumprem pena de prisão e no espaço escolar.

No quinto e último capítulo, *Aonde cheguei...* Desconstrução da possibilidade ressocializadora da pena de prisão: da violência ao disciplinamento do apenado/aluno, desconstruo a possibilidade ressocializadora da pena de prisão pelo domínio da violência, a partir da construção de uma perspectiva de inserção social através do disciplinamento escolar.

CAPÍTULO I CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Por muitos caminhos diferentes e de múltiplos modos cheguei eu a minha verdade; não por uma única escada subi até a altura onde meus olhos percorrem o mundo. E nunca gostei de perguntar por caminho – isso, ao meu ver, sempre repugna! Preferiria perguntar e submeter à prova os próprios caminhos. (NIETZSCHE, 1998, p.272)

A) Por onde trilho meus (des)caminhos...

Na tentativa de identificar a razão pela escolha do tema, precisei recorrer à memória para reconstruir um pouco de minha história de vida pessoal e profissional. Não se trata apenas de “lembrar”, de recolher “dados” ou de resgatar “fatos”, mas de constituir meus (des)caminhos, elegendo e mostrando, dentre os inúmeros caminhos já trilhados, aqueles que me parecem relevantes e pertinentes ao tema dessa pesquisa. Procurei dar um sentido (ou vários) às escolhas feitas, mostrar as (im)possibilidades, os abandonos, os erros e os acertos, bem como construir meus posicionamentos com relação às permanências e transitoriedades de alguns desses caminhos. Tal exercício de construção de percursos histórico-pessoais também exige, ao mesmo tempo, um intenso e exaustivo exercício de desconstrução de algumas crenças, de algumas práticas e ações “comuns”, de algumas certezas (já) fortemente estabelecidas e de alguns modos de ser/estar no mundo.

Assim, ao iniciar esse exercício de (des)construção da minha história, senti um certo estranhamento: o que faz uma psicóloga infantil, de formação e especialização psicanalítica num mestrado em educação? O que faz uma psicóloga num lugar tão distante do seu “de origem”, pesquisando num espaço escolar de adultos presos?

A Psicologia surgiu na minha vida, após o abandono de outras duas faculdades, Engenharia e Pedagogia, e num momento pessoal bastante específico: quando eu já havia constituído família. Durante o curso, interessei-me pela clínica

infantil e por Psicologia Escolar. Formada, prossegui meus estudos em cursos de especialização e formação em Psicanálise. Trabalhei em escola e exerci a docência superior nos cursos de Psicologia e Pedagogia.

No início de 2002, vim de Mato Grosso para o Rio Grande do Sul e, aqui, fiz o concurso para “Monitor Penitenciário – Psicólogo” da Superintendência de Serviços Penitenciários do Rio Grande do Sul (SUSEPE), momento em que me aproximei das questões referentes ao sistema prisional. Meu conhecimento do assunto, até então, não passava de fatos exibidos pela mídia, quase sempre com o caráter alarmante, sobre a superpopulação carcerária, rebeliões, chacinas dentro dos presídios, fugas de presos etc. Assim, além de simplesmente trabalhar no sistema prisional ou de fazer parte dele, senti a necessidade de saber e apreender mais profundamente a sua dinâmica. O Mestrado em Educação, cuja área de concentração são os Estudos Culturais, veio ao encontro do que buscava.

Enquanto estagiária no Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), que antecedeu minha lotação na Penitenciária de Alta Segurança de Charqueadas (PASC), constatei que os presos, quando trazidos para atendimento pelos técnicos (psicólogos, assistentes sociais, advogados), vinham algemados com as mãos às costas, com a guarda vigiando no corredor de acesso à sala e com as portas totalmente abertas. A orientação geral dada aos estagiários é que o atendimento ao preso só pode ser feito individualmente, sendo proibido, por questão de segurança, atendimentos em grupo. E, estando já lotada na PASC, deparei-me com situação similar – porém mais “rígida”, por se tratar de um lugar onde, teoricamente, estão os presos de maior periculosidade do Estado do Rio Grande do Sul. Assim como no PCPA, na PASC, os detentos também são trazidos para atendimento algemados com as mãos às costas, com vigilância atenta da guarda, sempre postada no corredor e com a porta da sala mantida aberta. O atendimento em grupo também é expressamente proibido; além disso, por ser uma penitenciária de alta segurança, ela comporta um número bem menor de presos – que cumprem suas penas em celas individuais.

No entanto, no Núcleo de Educação de Jovens e Adultos e Cultura Popular que funciona dentro do Presídio Central, surpreendentemente, as salas de aulas (dez ao todo) comportam, cada uma, até vinte e cinco alunos, de diferentes

organizações criminosas, denominadas facções (sabidamente inimigas entre si), que as frequentam sem algemas, sem guardas e sem grades que os separem da professora. As aulas são ministradas a portas fechadas e, conforme relatos da direção, da segurança, dos professores e professoras, nunca houve conflitos entre os apenados e as relações entre professor / professora-aluno, aluno-aluno e direção-aluno sempre foram pacíficas e marcadas pelo respeito mútuo.

Na PASC, embora haja uma grande lista de interessados, as vagas são limitadas e os critérios para que o apenado possa se matricular e frequentar as aulas são definidos pelos responsáveis pela segurança. Além disso, tal como no Presídio Central, a sala de aula nunca foi palco de problemas, desavenças, violência, desrespeito com a professora ou às regras estabelecidas.

A partir disso, surgiram muitas indagações que, neste trabalho, trago para discussão: como um lugar de “bandidos” tão perigosos dispõe de um espaço que abriga alunos tão educados, responsáveis e delicados? Como esses homens tornam-se inofensivos, disciplinados e dóceis num espaço como esse? Como esses apenados submetem-se a regras e horários rígidos *espontaneamente*? O espaço escolar favorece ao imaginário dos apenados uma situação de autodisciplina e autogoverno?

B) Partindo de onde?

Para a realização das análises apresentadas nesta dissertação, busquei inspiração em trabalhos situados em uma vertente pós-moderna e pós-estruturalista, bem como nos estudos de Michel Foucault sobre *poder, saber, sujeito e instituições modernas*. Digo “inspiração” porque, de acordo com Veiga-Neto (2003, p.12), “não se trata de cultuar um autor e sua obra”, “não se trata, tampouco, de pensar que ele tem a chave, a solução, a verdade; nem mesmo de pensar que ele chegou perto de uma suposta verdade” – trata-se “de colocar em movimento uma vontade de saber”.

A disciplina requer um espaço próprio para o seu exercício, onde os indivíduos possam ser vigiados nos seus mínimos atos e tenham um lugar específico – é importante, no exercício do poder disciplinar, que cada indivíduo

esteja no seu devido lugar, para uma atenta e sistemática observação de seu comportamento, no intuito de poder sancioná-lo, controlá-lo, apreciá-lo. Além disso, esse espaço deve ser percebido como algo útil e funcional – a escola, por exemplo, para facilitar a vigilância e o controle dos indivíduos, os divide em séries e classes, os distribui em filas de acordo com o gênero, a idade, o tamanho, o comportamento, o desempenho etc. Assim, como referência básica, valho-me, principalmente, das idéias de Michel Foucault expostas em *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* (2004a). É ele que vai, dentre outras idéias, mostrar os muitos modos pelos quais o poder disciplinar – característico das sociedades modernas – atravessa as instituições, produzindo sujeitos e utilizando-os como seus instrumentos.

Da mesma forma que o sistema prisional apresentado e problematizado por Foucault (2004a) – um local que teria por finalidade a reabilitação e a adaptação de corpos dóceis à sociedade – a escola configura-se como um lugar bastante semelhante a uma prisão na sua composição arquitetônica, na sua conformação hierárquica, nos mecanismos de disciplinarização e em sua vigilância. Ao estabelecermos uma relação da escola com a prisão, percebemos que são muitas as semelhanças: classes (celas) distribuídas lado a lado, sem nenhuma comunicação; grades nas janelas; muros altos com grades; grandes portões com guarda; refeitório comum; pátio; normas e regras internas; alguém (agente de segurança) vigia os alunos (apenados); os alunos são classificados segundo a classe (cela e galeria) que ocupam e a série que cursam (o artigo penal). Além disso, na escola, as práticas transgressoras, classificadas como faltas graves, médias ou leves, são registradas num livro de ocorrências (na prisão, é aberto um PAD¹) e, dependendo da gravidade, resultarão em punições. Porém, se as semelhanças são tantas em termos de espaço físico, estruturação e organização, como os apenados/alunos diferem tanto dos penados/bandidos?

Busco investigar, a partir da análise do tempo e do espaço que o apenado ocupa na sala de aula da prisão, como se dá seu assujeitamento e sua docilização em tais espaços e como os instrumentos disciplinares, articulados com as funções

¹ Na prisão, quando há uma transgressão das normas e regras, é aberto um Procedimento Administrativo (PAD), que será julgado por uma comissão disciplinadora.

de controle, produzem o sujeito, aluno e dócil, determinando seu modo de pensar, de sentir e de agir, fazendo-o atuar de maneira diferente nesse lugar em relação aos demais, dentro ou fora da prisão. É importante ressaltar que falar em corpos dóceis não significa dizer corpos obedientes. Veiga-Neto (2003, p. 88) afirma que, falar

[...] em corpos dóceis é falar em corpos maleáveis e moldáveis; mas não se trata, aí, de uma modelagem imposta, feita à força. Ao contrário, o que é notável no poder disciplinar é que ele atua ao nível do corpo e dos saberes, do que resultam formas peculiares tanto de estar no mundo – no eixo corporal – quanto de cada um conhecer o mundo e nele se situar – no eixo dos saberes.

Compreender como o espaço escolar na prisão favorece um outro tipo de sujeito, que não “bandido”, passa a ser uma das questões básicas desta pesquisa. Recorro, para tanto, aos conceitos de poder, disciplina, vigilância e seus desdobramentos.

Tendo em vista que, na perspectiva foucaultiana, a disciplina é “entendida tanto como fragmentação, disposição e delimitação de saberes, quanto como conjunto de normas e regras atitudinais, na forma de preceitos explícitos e implícitos” (VEIGA-NETO, 1995, p. 46), busco refletir sobre as possibilidades e contradições da inserção da educação escolar nos, assim chamados, programas de *reabilitação*, *reeducação*, *ressocialização*, bem como analisar o espaço disciplinador/transformador da sala de aula nas prisões, entendendo-o, tal como Larrosa (1999, p. 57),

[...] não como um espaço neutro, ou como um mero espaço de possibilidades para o desenvolvimento ou a melhoria do autoconhecimento, da auto-estima, do autocontrole etc., mas como produzindo formas de experiência de si nas quais os indivíduos podem se tornar sujeitos.

A PASC foi a instituição escolhida para a “coleta de dados²”, por ser o local de minha atuação direta e que me pareceu ser palco de muitas situações interessantes, no âmbito dos problemas que queria investigar. Questões como grades dividindo a sala de aula, critérios mais rígidos para a matrícula, turmas de

² O uso de aspas na expressão “coleta de dados” ocorre pela seguinte razão: para os estudos pós-modernos e pós-estruturalistas, não existiriam “dados” prontos, no mundo, apenas à espera de um pesquisador competente que pudesse “coletá-los” com os devidos instrumentos. Na perspectiva adotada por esse trabalho, os “dados” são gerados, construídos, feitos pelo *olhar* do pesquisador (interessado em responder as suas questões de pesquisa).

apenas dez alunos, maior segurança, penas muito altas, somente uma professora responsável, carga horária de aula abaixo do que prevê a lei, entre outras, instigaram (e muito) a pesquisa nessa penitenciária.

A análise incluiu observações da rotina prisional, observações em sala de aula, entrevistas com alunos e professores, depoimentos e comentários informais de funcionários e de apenados que já estudaram ou que expressaram desejo de estudar no momento da triagem³.

³ “Triagem”, nesse caso específico, é um procedimento de rotina realizada pelo setor técnico (psicólogos e assistentes sociais), quando o preso chega à casa prisional.



Fig. 2 – PASC: Vista externa

Entrar na cadeia é como subir em um ônibus que segue viagem. Você não sabe quem está ali, quem é aquele que senta ao seu lado, mas tem de seguir junto. A pessoa é conduzida pelo sistema⁴. (ZERO HORA, 2004, p. 42)

⁴ Frase proferida por Cláudio Fernandes, vice-presidente da Associação dos Servidores Penitenciários de Charqueadas, ao Jornal *Zero Hora*, em 26 setembro de 2004.

CAPÍTULO II

A PRISÃO

Se o preso sai para o pátio de manhã, vai à tarde para aula, que horas ele vai ficar preso? (Agente penitenciário)⁵

A) Punir ou Reabilitar?

Michel Foucault, ao pensar sobre as instituições sociais e suas práticas na Modernidade, estudou o propósito da punição enquanto tecnologia de poder, bem como as alterações e rupturas que ela sofreu na Modernidade. Em *Vigiar e Punir* (2004a), ele faz uma análise detalhada das práticas punitivas a partir da instituição que parece ser a que mais condensa as tecnologias de poder próprias da Modernidade: a prisão.

A prisão, aqui entendida como um lugar de confinamento – no qual o indivíduo é isolado do resto da sociedade – data de tempos remotos. Na sua versão mais antiga, o infrator era levado ao cárcere, com detenção temporária, até que ocorresse um julgamento ou a execução de punição que poderia ser o suplício, o açoite, a amputação, o trabalho forçado e até a pena de morte. Como forma de punição aos que transgrediam as leis instituídas pelo Estado, é recente.

Inicialmente, a prisão era destinada aos animais, aos escravos e aos prisioneiros de guerra, que eram imobilizados com amarras, grilhões ou correntes, pelos pés, pescoço ou mãos. Da origem zoológica é que surgiu o uso de “prender”, desde a canga⁶ até às algemas. Com o aumento do número de presos, passou-se a emparedá-los em túmulos, torres, cavernas, poços, jaulas, qualquer coisa que servisse para prender, para conter e evitar a fuga. Até o final do século XVII, o cárcere era utilizado apenas para vigiar e conter os réus, tendo caráter meramente custodial. Posteriormente, surgiram as prisões para recuperar, reeducar, corrigir, salvar, ressocializar etc.

⁵ Agente penitenciário, quando questionado sobre o motivo pelo qual o horário de aula coincidia com o horário de pátio. Por lei, todo apenado deverá ter 4 horas por dia de saída para o pátio (banho de sol) independente do horário de aula.

⁶ Peça de madeira que prende os bois pelo pescoço e os liga ao carro, ou ao arado.

Ao tentar entender a prisão na sua forma atual, busco o resgate histórico do surgimento da instituição prisão no fim do século XVIII e início do século XIX, a partir dos estudos de Michel Foucault (2004a), o qual descreve a trajetória da prisão desde seu surgimento enquanto instituição, através de um estudo minucioso da formação histórica das sociedades dos séculos XVII a XIX, mostrando que, em algumas instituições denominadas por ele de *instituições de seqüestro*, como o hospital, a escola, a prisão ou o exército, percorre-se dos suplícios ao disciplinamento. No decorrer desse estudo sobre a prisão, o pensador francês promove um deslocamento necessário acerca dos motivos aparentemente circunstanciais do aparecimento da prisão e salienta que ela passou a ser concebida como um instrumento perfeito de ação e transformação sobre as pessoas, tal como a escola, o exército ou o hospital. Foucault as denomina de instituições de seqüestro, porque a clausura não pretende propriamente “*excluir* o sujeito recluso, mas, sobretudo, *incluir-lo* num sistema normalizador”.

Na Idade Média, o suplício era utilizado como punição em nome da paz social, devendo ser sempre lembrado através das marcas impressas no corpo. Era um espetáculo público, com excesso de crueldade, que causava muita dor e sofrimento ao indivíduo. Essa prática representava a forma pela qual o soberano castigava quem o afrontasse, pois a infração não era apenas o desafio à legalidade, mas também (e principalmente) ao interesse do soberano. Ao ferir e trucidar de forma espetacular o corpo do infrator, o soberano restabelecia a ordem e conservava seu poder. Segundo Foucault (2004a), somente no início do século XIX é que desapareceu completamente o espetáculo da punição corporal, deixando o corpo de ser alvo das penas, para fazer parte, então, do mundo da repressão, da privação e das interdições – não mais o corpo supliciado e, sim, a alma.

Foucault (2004a) explica que, nesse contexto, as práticas de punição do Estado passaram por uma significativa alteração qualitativa, substituindo os suplícios por uma justiça que centralizava sua atuação na vigilância e na submissão dos indivíduos. Embora tivesse havido uma mudança no paradigma da punição, com o fim da vingança do soberano, o suplício ainda estava em vigor de uma forma menos violenta. Ao analisar as transformações das práticas penais, Foucault ressalta a função que a prisão passou a ter na sociedade moderna quanto ao sistema

punitivo. Agora, uma nova legislação que convertia a prisão na principal forma de punir os indivíduos, com novos mecanismos de dominação que definem um tipo específico de poder. Não eram mais os castigos aplicados sobre os corpos dos condenados, mas toda uma técnica disciplinar, uma racionalidade penitenciária. Ele (FOUCAULT, 2004a) mostra que o suplício foi uma técnica e também um ritual público, capaz de produzir muito sofrimento, com o intuito de destacar o poder daquele que pune. Já a disciplina se caracteriza por repartir os indivíduos em espaços fechados, de natureza diversa, em que cada indivíduo ocupa um lugar específico.

Para Foucault (2004a, p. 195), a prisão

[...] se constituiu fora do aparelho judiciário, quando se elaboraram, por todo o corpo social, os processos para repartir os indivíduos, fixá-los e distribuí-los espacialmente, classificá-los, tirar deles o máximo de tempo, e o máximo de forças, treinar seus corpos, codificar seu comportamento contínuo, mantê-los numa visibilidade sem lacuna, formar em torno deles um aparelho completo de observação, registro e notações, constituir sobre eles um saber que se acumula e se centraliza.

O corpo, assim, passa de objeto supliciado a objeto manipulado, adestrado, passível de dominação. Para garantir o domínio, emprega-se a disciplina com a função de gerir o tempo e definir o espaço do condenado, a fim de mantê-lo sob vigilância⁷ e, com isso, controlá-lo.

Assim, a disciplina difere da do suplício, pois enquanto este sacrifica o corpo, aquela dele se apropria para transformá-lo. Esse tipo de poder, que se expande por toda a sociedade, assumindo as formas mais regionais e concretas, investindo sobre as instituições e tomando forma em técnicas de dominação, possui, segundo Foucault, uma tecnologia e história específicas. Atinge o corpo do indivíduo, realizando um controle detalhado e minucioso sobre seus gestos, hábitos, atitudes, comportamento, discurso etc. Ainda sobre a disciplina, Foucault (2004a, p. 119) diz que o corpo humano

[...] entra numa maquinaria de poder que o esquadriha, o desarticula e o recompõe. Uma “anatomia política”, que é também igualmente uma “mecânica de poder” está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não

⁷ Entende-se por *vigilância* o ato ou efeito de vigiar, ou seja, é um mecanismo, uma tecnologia de coação leve. Por *controle* entende-se, aqui, como o assujeitamento do outro.

simplesmente para que façam o que se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina. A disciplina fabrica, assim, corpos submissos e exercitados, corpos “dóceis”.

Com o surgimento da prisão enquanto instituição, no início do século XIX, Foucault (1999) afirma que “toda a penalidade passou a ser um controle, não tanto sobre se o que fizeram os indivíduos está em conformidade ou não com a lei, mas ao nível do que podem fazer, do que são capazes de fazer, do que estão sujeitos a fazer, do que estão na iminência de fazer” (p.85).

A teoria penal passou, então, a ser de periculosidade. O indivíduo foi considerado em suas potencialidades, e não apenas pelos seus atos. A garantia do controle dos indivíduos, “que não é mais reação penal ao que eles fizeram, mas controle de seu comportamento” (FOUCAULT, 1999, p.85), não podia mais ser incumbência do poder judiciário. Surgiu, então, uma rede de instituições de vigilância (polícia) e de correção (psicológicas, psiquiátricas, criminológicas, médicas e pedagógicas), que deveriam exercer a função de corrigir as potencialidades dos indivíduos. Assim, o objetivo da punição deixou de ser a reparação do dano causado e passou a ser a contenção da reincidência. Sua eficácia, segundo o referido autor (ib.), deveria atingir não só aqueles que cometeram o delito, mas, principalmente, aqueles que não cometeram crime algum (caráter preventivo), por temor da severidade da pena. Desse modo, a sanção deveria progredir conforme o crime e o comportamento do preso que, ao perder a liberdade, passaria por um processo de reeducação.

Ao estudar o percurso histórico da pena, Ferreira (1997, p. 25) afirma que o seu caráter foi dividido em períodos e finalidades:

- Vingança Privada: a punição tinha um único fim – a vingança. Ex: pena de talião.
- Vingança Divina: a aplicação da pena tinha por finalidade atingir os objetivos traçados pela divindade.
- Vingança Pública: o direito de punir e de executar a pena é do Estado, ainda que a vingança continuasse como finalidade da pena.
- Período Humanitário: aplica o fim do castigo como pena, lutando pela humanização dela e da própria prisão.
- Período Científico: a pena deve ser atribuída em concordância com o tipo de crime cometido e a periculosidade do agente.

- Nova Defesa Social: alvo atual, cujo enfoque principal é a recuperação do criminoso, já que a pena tem finalidade reeducativa e de proteção à sociedade.

Foucault (2004a) mostra a mudança no contexto das punições ao determinar o momento em que a prisão se humanizou – e que caracterizaria o período humanitário acima referido. O processo de humanização das sanções, representado pela prisão, tem dois aspectos essenciais: a privação da liberdade como castigo igualitário e a transformação do sujeito.

Para Iserhard (2005), o movimento humanitário da pena, iniciado na segunda metade do século XVIII, surgiu contra os atos perversos, cruéis e desumanos perpetrados pelo rei, soberano ou príncipe, a fim de abrandar a vingança pública e a desigualdade no tratamento da pena, estabelecida pela classe social do condenado. Admitindo como intolerável o suplício como resposta penal à conduta criminosa, entre vários pensadores, destacou-se o italiano Cesare Bonesana, marquês de Beccaria (2000), autor de “Dos Delitos e das Penas”, para quem o criminoso, apesar do crime, não perde sua humanidade e, nessa condição, deve ser respeitado mesmo na aplicação da pena. Com isso, despertou o debate em torno de princípios para a humanização da pena e que, mais tarde adotados, favoreceram o abrandamento do sistema penal. Foucault (2004a), atento a esse período, lembra que, com a conversão da pena, foi sendo eliminada, no início do século XIX, a punição corporal como espetáculo público, para dar lugar ao encarceramento.

Apesar disso, segundo Oliveira (2003), ainda que tenhamos passado, ao longo da história, por uma série de períodos (a chamada vingança privada, a vingança divina, a vingança pública, o período humanitário etc.), todos caracterizados por punições com finalidades distintas, “o que não se pode negar é que sempre o direito penal foi coberto de sangue e realmente nada revela melhor a crueldade dos homens do que a história das penas – mais do que a dos crimes” (p.40).

Thompson (1991) enfatiza que, oficialmente, a finalidade da pena de prisão não visa obter apenas um propósito, mas contém vários objetivos simultâneos: “punição retributiva do mal causado pelo delinqüente; prevenção da prática de

novas infrações, através da intimidação do condenado e de pessoas potencialmente criminosas.” (p.3).

Questiono: punir ou reabilitar? Desejamos que o apenado seja punido e reeducado ao mesmo tempo, isto é, que recaiam sobre ele processos de caráter antagônico. Isso porque o sistema prisional – diante das grandes dificuldades pelas quais passa, em decorrência da superpopulação, das péssimas condições físicas, da falta de técnicos especializados, da falta de políticas públicas etc. – prioriza, essencialmente, a segurança e a submissão.

Ainda em Thompson (1991), encontramos um tríplice conceito de punir, intimidar e reabilitar, ou seja:

[...] conceito da tríplice finalidade é bastante familiar mesmo ao homem comum do nosso tempo, para quem, ao menos no plano racional, o preso é colocado na penitenciária com vistas a ser punido, intimidado, e, principalmente reformado [...] punir é castigar, fazer sofrer. A intimidação, a ser obtida pelo castigo, demanda que este seja apto a causar terror. Ora, tais condições são reconhecidamente impeditivas de levar ao sucesso uma ação pedagógica. (THOMPSON, 1991, p. 5)

Segundo Foucault (2004a), diferentes áreas do conhecimento agregam-se ao sistema prisional como suporte para o trabalho de reabilitar sujeitos punidos, como a Sociologia, o Direito, a Psiquiatria, a Psicologia, a Pedagogia, o Serviço Social e a Arquitetura. Muitas são as reformas e os projetos, sendo a maioria fadada ao fracasso, no sentido de proporcionar à instituição prisão um caráter regenerador. Há 150 anos a resposta a essas tentativas de mudança se baseia nos princípios fundamentais para obtenção de condições favoráveis à pena de reclusão. Ainda hoje, são esperados efeitos transformadores, baseados nesses princípios, que constituem “as sete máximas universais da boa *condição penitenciária*” (p.124):

- 1) Correção – recuperação dos sujeitos através da transformação dos seus comportamentos.
- 2) Classificação – os detentos devem ser isolados da sociedade e, depois, classificados conforme a gravidade dos seus atos e sua idade.
- 3) Modulação das penas – a pena deve ser proporcional, de acordo com a individualidade do apenado;
- 4) Trabalho como obrigação e como direito – fundamental para a transformação e ressocialização;

- 5) Educação penitenciária – uma obrigação para com o detento, promovendo condições de instrução geral e profissional.
- 6) Corpo técnico da detenção – a instituição deve ser gerida por pessoal técnico especializado, que tenha condições morais para a formação dos condenados;
- 7) Instituições anexas – controle e assistência total, até sua readaptação.

Com essa principiologia, os modelos de ressocialização, pautados na ideologia do tratamento, combinam seus efeitos punitivos a uma pedagogia disciplinar, impondo modelos de conduta e de controle que acabam por destruir, no sujeito, o direito à diferença. Esses princípios possuem dois aspectos: a privação de liberdade enquanto castigo comum para todos, simultaneamente à transformação do sujeito. Pretende-se que a pena de prisão proporcione ao apenado a sua ressocialização para que, quando em liberdade, seja capaz de retornar à sociedade e nela inserir-se novamente.

Esse processo de reinserção, de ressocialização, tem por objetivo que o sujeito, diante da sanção que lhe foi imposta, se *conscientize* de que o crime não compensa, que se arrependa de tal maneira que nunca mais volte a delinquir. Dessa forma, a função de reinserir socialmente o apenado apresenta uma certa incoerência, pois como se pode reinserir socialmente alguém que, muitas vezes, não estava nela inserido? Ou então, como ressocializar uma pessoa inserida num sistema considerado falido, onde ela é obrigada a obedecer a um código próprio, que é completamente diferente das normas e regras da sociedade (*extramuros*), socializando-a apenas em relação à prisão (*intramuros*)?

Percebemos que a retribuição do mal causado é a maior razão da pena privativa de liberdade, ou seja, castigar o condenado pelo crime cometido. No entanto, esse castigo ultrapassa em muito os limites do crime, diante das falhas do sistema prisional e, principalmente, das condições degradantes originadas da falta total de assistência, de agressões verbais e físicas, torturas, drogas, ambiente insalubre, promiscuidade etc.

O atual modelo de prisão, com algumas tentativas isoladas de transformação, dificulta ou, por que não dizer, impossibilita qualquer tentativa de priorizar a ressocialização e recuperação dos apenados. Assim, predomina o caráter aflitivo da pena, prejudicando seu ideal ressocializador, atualmente tão

desacreditado. Além de todos os problemas que o sistema prisional possui, percebemos a violência como algo intrínseco a ele, não apenas como consequência dos conflitos entre os apenados ou entre agentes penitenciários e apenados, mas pela constante condição de violência a que os apenados são submetidos diariamente intramuros.

A LEP (Lei de Execuções Penais) parece deixar um *vácuo*, no que diz respeito ao grande arbítrio dado às administrações prisionais, que têm por consequência sanções outras, além das determinadas pelas sentenças judiciais. Isso faz com que os apenados passem a ser objeto de apenamentos *extras*, em qualquer local ou situação, durante todo o tempo que passam no espaço carcerário. Isso é claramente percebido no comportamento dos apenados quando em trânsito pelos corredores da prisão, nas salas de atendimento, na maneira de falar com os agentes penitenciários e até mesmo quando estão em suas próprias celas.

A direção da instituição possui o direito de impor aos seus prisioneiros que andem olhando para o chão, de braços cruzados para frente ou com as mãos na cabeça (caso não estejam algemados) e que, ao passar por alguém (funcionários, visitantes e, principalmente, mulheres), voltem-se para a parede com a cabeça inclinada para baixo. Em todas as casas prisionais há um divisor físico separando os funcionários dos presos, delimitado por grades ou faixa pintada de amarelo no chão, a qual o preso não pode ultrapassar. O preso mostra um comportamento automatizado mesmo em situações que não exijam as atitudes já referidas, que expressam obediência, submissão e medo.

Os agentes prisionais, a quem é atribuído o exercício do controle, da vigilância e da punição, mantêm os apenados confinados e submissos, de forma, muitas vezes, desumana e violenta.

O fundamental é não permitir o desrespeito às normas disciplinares e impedir, por todos os meios, que o detento venha a fugir. Os métodos utilizados para alcançar esse objetivo são vistos como *legítimos e naturais*, como parte do trabalho da segurança. Assim, ou os presidiários seguem as normas em vigência intramuros ou não estarão aptos a conviver novamente em liberdade, isto é, não poderão ser considerados *reabilitados, ressocializados* e nem *reeducados*. O tratamento dispensado ao apenado – por ser sempre punitivo e de concessão –

praticamente anula a sua capacidade de iniciativa, estima e os poucos valores morais e éticos que ele ainda tenha. Por conseguinte, ele perde não só a sua liberdade de ir e vir, mas também a condição de escolher sobre sua vida, seus atos e, principalmente, a sua dignidade.

B) Dominação: poder e violência

Gosto de vir pra aula porque aqui me sinto gente. (Aluno)⁸

Michel Foucault, em seus estudos, antevê uma diferença entre poder e violência, mas não a torna completamente explícita em suas análises iniciais (Vigiar e Punir)⁹. A partir disso, o grupo de pesquisa¹⁰ do qual faço parte vem trabalhando nessa questão, pensando na existência de duas formas de dominação: a violência e o poder.

Veiga-Neto (2000b, p. 63) esclarece que há uma diferença entre poder e violência que não é de grau e nem quantitativa, já que “o poder não é nem repressivo nem destrutivo, mas sim produtivo: ele inventa estratégias que o potencializam, ele engendra saberes que os justificam e encobrem, ele nos desobriga da violência”. De uma forma esquemática, Veiga-Neto expõe essa diferença:

⁸Todas as transcrições das frases dos alunos estão redigidas conforme foram ditas ou escritas, sem preocupação de revisão gramatical, para manter o conteúdo da linguagem.

⁹ Num dos últimos textos de Foucault (FOUCAULT, 1995), o filósofo diferencia, com bastante ênfase, poder e violência.

¹⁰ O Grupo de pesquisa “Cultura e Educação” foi formado em 2002, na ULBRA, coordenado por Alfredo Veiga-Neto.

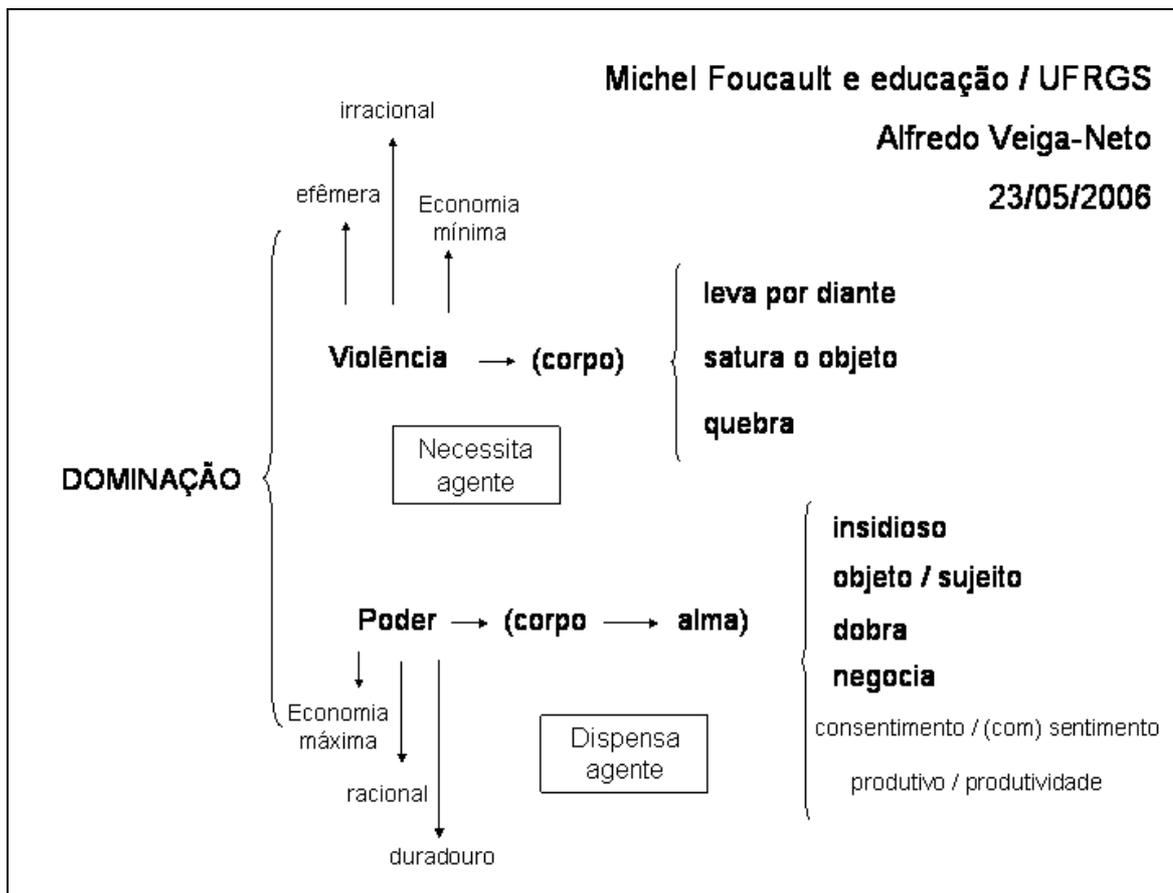


Fig. 3 – Esquema Poder e Violência

Na prisão, a alma é o elemento a ser corrigido, sendo que tal correção é legitimada por um saber e sistematizada pelo poder. Aliás, é comum pensarmos que o poder é negativo – acreditamos, muitas vezes, que o seu exercício se dá apenas através da violência, da coerção e/ou da repressão. Roberto Machado (2004), na introdução de *Microfísica do Poder* afirma que, para Foucault, o poder não conseguiria se manter se fosse baseado somente na repressão:

[...] é falso definir o poder como algo que diz não, que impõe limites, que castiga. A uma concepção negativa, que identifica o poder com o Estado e o considera essencialmente como aparelho repressivo, no sentido em que seu modo básico de intervenção sobre os cidadãos se daria em forma de violência, coerção, opressão, ele [Foucault] opõe, ou acrescenta, uma concepção positiva que pretende dissociar os termos dominação e repressão. (MACHADO, 2004, p. XV)

Dessa forma, para Foucault (1998), o poder não é uma estrutura de relações que apenas exclui, reprime, interdita, domina, mas que também produz, instiga, limita comportamentos, delimita os corpos, constrói saberes. O autor (ib.) também afirma, nesse mesmo trabalho, que poder não é um “modo de sujeição que, por oposição à violência, tenha a forma de regra” (p.88) – o poder também não é um objeto e nem uma coisa que uns possuem e que outros não. O poder, para ele, possuiria um caráter relacional – daí a sua ênfase em falar de práticas e de relações de poder – difusas e microfísicas.

As relações de poder implicam relações de resistência, sem, porém, se instituírem numa luta desigual e violenta. Como nos lembra ainda Foucault (1998), toda relação de poder é uma relação de força, entendida não como uma presença física do mais forte e, sim, como força capaz de provocar mudança. Em suas palavras (FOUCAULT, 1998, p. 243) uma

[...] relação de violência age sobre um corpo, sobre as coisas. Ela força, ela submete, ela quebra, ela destrói; ela fecha todas as possibilidades; não tem, portanto, junto de si, outro pólo senão aquele da passividade; e, se encontra uma resistência, a única escolha é tentar reduzi-la. Uma relação de poder, ao contrário, se articula sobre dois elementos que lhe são indispensáveis por ser exatamente uma relação de poder que o “outro” [...] seja inteiramente reconhecido e mantido até o fim como o sujeito da ação; e que se abra, diante da relação de poder, todo um campo de respostas, reações, efeitos, invenções possíveis.

A violência implica punição, sendo dirigida ao corpo e o poder, por sua vez, implica saberes e é auto-assumido, dirigindo-se à alma através do corpo. Para Foucault (2004a), o termo “alma” não representa um sentido religioso ou ideológico, mas, sim, que ela existe, é real e continuamente criada “em torno, na superfície, no interior do corpo, pelo funcionamento de um poder que se exerce sobre os que são punidos” (p.28). Foucault (ib.), invertendo a lógica da teologia cristã, entende a alma como “a prisão do corpo” (p.29) – uma alma que

[...] não nasce faltosa e merecedora de castigo, mas nasce, antes, de procedimentos de punição, de vigilância, de castigo e de coação. Essa alma real e incorpórea não é absolutamente substância; é o elemento onde se articulam os efeitos de um certo tipo de poder e a referência de um saber, a engrenagem pela qual as relações de poder dão lugar a um saber possível, e o saber reconduz e reforça os efeitos de poder (FOUCAULT, 2004a, p.28).

Trazendo a questão da violência para o ambiente prisional, o que percebemos é o domínio pela violência e não pelo poder. Nesse espaço, as relações de poder cedem lugar às de violência, onde as ordens devem ser acatadas, sob pena de punição, castigo ou humilhação exacerbada. Dentro dos limites da prisão, as torturas e os maus tratos acontecem facilmente, porque o apenado já se encontra sob a “proteção” daqueles que irão executar a punição. Os castigos aplicados vão além da pena determinada judicialmente, do tempo estabelecido para a execução dela e do espaço em que deverá ser vivida. Frequentemente, os presos encontram-se à mercê dos agentes prisionais que, como um tribunal próprio, interno, sem normas fixas e sem direito à defesa, simplesmente condenam. O apenado não tem como escolher, entender ou apreender as regras, pois elas são aleatórias, variáveis, escolhidas de acordo, muitas vezes, com o humor do agente penitenciário, da simpatia ou antipatia nutrida pelo preso.

A severidade com que se impõe a ordem e o controle através da imposição de regras e castigos próprios manifesta-se em ameaças, em constrangimento físico e moral, e, portanto, em violência. Responder a um PAD¹¹ implica privação de visitas e de correspondência, revista das celas¹² sem aviso prévio, revista das visitas,¹³ corte do fornecimento de água, desligamento das ligas laborais ou educacionais¹⁴ e impedimento de frequentar as aulas. Esses são alguns dos exemplos de castigos impostos.

Os apenados, por sua vez, resistem ao domínio como podem e da forma como acreditam ser proporcional à violência sofrida: bateção¹⁵, greves de fome, desrespeito à guarda através de xingamentos, ameaças verbais, escondendo objetos

¹¹ PAD: Processo Administrativo aberto pela segurança, no qual o preso é acusado por qualquer falta cometida – desde um gesto considerado desrespeitoso pelos guardas até tentativa de fuga. O castigo é isolamento em cela especial, sem TV, rádio, sem direito ao pátio, sem visita, por tempo variado e decidido pela guarda da casa.

¹² A revista de celas é um procedimento feito pelos agentes de segurança com a finalidade de procurar objetos proibidos e escondidos pelos presos. Após a revista, é frequente a reclamação dos apenados quanto à desorganização deixada pela segurança, que joga colchão, roupas e objetos pessoais no chão, bem como inutiliza os gêneros alimentícios.

¹³ A revista de visitas (familiares e amigos de apenados) é um procedimento de rotina nos dias permitidos para tanto.

¹⁴ Para poder trabalhar e frequentar a escola e, conseqüentemente, obter a remição de pena, o preso deverá estar “ligado”, vinculado às ligas laborais e educacionais, o que dependerá da permissão da segurança.

¹⁵ *Bateção*: gíria utilizada no meio prisional para se referir à ação de bater nas grades com objetos ou mãos, em sinal de protesto ou reivindicação dos apenados.

considerados proibidos, uso de drogas, motins, entre outros, transformando o espaço de cumprimento de pena em campo de batalha diária, violência que vai e que volta. A tensão é constante, o desafio é contínuo; “bandido e mocinho” se confundem na incessante luta de forças, que se torna cada vez mais violenta. Os apenados, para se fortalecerem, unem forças através de organizações criminosas, que usam a violência para atingir tanto a instituição prisional como a sociedade. Exemplo disso é o que está acontecendo atualmente em São Paulo e em todo o país, através da facção denominada PCC (Primeiro Comando da Capital) criada em 1983 em Taubaté, SP, em resposta às torturas e maus tratos a que são submetidos no cárcere.

De acordo com o ex-secretário nacional de segurança pública, Luís Eduardo Soares, em entrevista ao Jornal gaúcho Zero Hora (PRESOS..., 2006, p. 6):

A Lei de Execuções Penais (LEP), que é de 1984, não era e ainda não é cumprida. Ela exige separação dos presos por gravidade do crime cometido, que o prisioneiro tenha acesso a trabalho, a reeducação e exige disciplina, para que não se tenha criminosos controlando o crime de dentro da cadeia. Em função desses descabros, o PCC surgiu como forma de garantir os direitos legais dos presos e depois tornou-se um elemento criminoso que passou a agir fora das cadeias. Em 2002, o quadro se agravou. Na origem do processo estava a incapacidade do Estado em respeitar a Lei de Execuções Penais. São Paulo investiu em políticas de encarceramento e mistura de presos indiscriminadamente em cadeias que são verdadeiros depósitos de pessoas, com equipes mal preparadas.

Considero pertinente, nesse momento, relatar uma situação presenciada na PASC – uma situação de desafio e de violência na qual, aparentemente, os vencedores foram aqueles que detinham maior força naquele momento: os “mocinhos”. O mal-estar maior foi perceber que eu estava entre eles (os “mocinhos”). Naquele exato momento, senti vontade de estar do lado de lá das grades e ser parte dos “bandidos”. E, refletindo descuidadamente: será que não estou?

Descontentes com a morosidade da justiça quanto ao andamento dos processos e decisões judiciais relativas à liberdade e progressões de regime¹⁶, os apenados da PASC resolveram fazer um movimento de protesto em outubro de

¹⁶ Observe as considerações sobre os regimes carcerários mais adiante, nessa proposta.

2005. Mas, antes de iniciar meu relato, creio ser importante destacar, para uma melhor compreensão da insatisfação dos apenados e do “universo” prisional (inclusive para o confronto com a realidade da execução da pena), a descrição técnica dos regimes carcerários definidos na sentença condenatória e destinados ao início do cumprimento da privação da liberdade¹⁷.

Em nosso sistema jurídico, existem três regimes prisionais para o cumprimento da pena: o *fechado*, o *semi-aberto* e o *aberto*. Nesse sistema, admite-se a possibilidade de progressão de regime a cada um sexto da pena cumprida, obedecendo-se à seqüência.

Pelo regime *fechado*, tratado no Art. 33, § 1º, ‘a’ do Código Penal Brasileiro, a execução da pena se dá em estabelecimento de segurança máxima (característica da PASC) ou média. No início do cumprimento da pena, o condenado será (obrigatoriamente) submetido a exame criminológico de classificação e individualização; a pena é cumprida em penitenciária; o condenado fica sujeito a trabalho¹⁸ no período diurno e isolamento durante o repouso noturno; dentro do estabelecimento, o trabalho será em comum, conforme as ocupações anteriores do condenado, desde que compatíveis com a execução da pena; o trabalho externo é permitido em obras públicas, desde que tomadas as devidas cautelas para evitar a fuga e o trabalho será sempre remunerado.

O cumprimento da pena pelo regime carcerário *semi-aberto*, previsto no Art. 33, § 1º, ‘b’ do Código Penal Brasileiro, prevê a execução da pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar. O condenado poderá (facultativo) também ser submetido a exame criminológico. Ele fica sujeito a trabalho remunerado e em comum durante o dia em colônia penal agrícola, industrial ou similar. É permitido o trabalho externo, bem como a freqüência a cursos supletivos e profissionalizantes, de instrução de segundo grau ou superior. A jurisprudência tem entendido que, na ausência de vagas no regime semi-aberto, o condenado deve aguardar a vaga no regime fechado; o preso, nesse regime, tem direito, com

¹⁷ Detenho-me, aqui, apenas na pena privativa da liberdade. Vale lembrar, contudo, que existem outras, cumulativas isoladas ou alternativas (multa, restritivas de direitos), que resultam na execução em liberdade.

¹⁸ As ofertas de trabalho na PASC são restritas a algumas atividades laborais internas (faxineiro, paneleiro, cantineiro etc.), em número insuficiente para todos os apenados que as desejam.

autorização judicial, à saída temporária da colônia com a finalidade de visitar familiares, freqüentar cursos ou participar de outras atividades relevantes para sua “ressocialização” por prazo não superior a sete dias, renovável quatro vezes por ano, de acordo com a Lei de Execuções Penais (LEP).

Por fim, no regime *aberto*, com previsão legal no Art. 33, § 1º, ‘a’ do Código Penal Brasileiro, a execução da pena se dá em casa de albergado ou estabelecimento adequado, ou seja, o sentenciado trabalha fora durante o dia e, à noite, se recolhe ao albergue. Baseia-se na autodisciplina e no senso de responsabilidade do condenado, uma vez que ele permanecerá fora do estabelecimento e sem vigilância para trabalhar, freqüentar curso ou exercer outra atividade autorizada. Durante o período noturno e dias de folga, deverá recolher-se à prisão-albergue. A Lei de Execuções Penais (BRASIL, 1984) admite, em hipóteses excepcionais, que o sentenciado cumpra o regime aberto em prisão-albergue domiciliar. Nesse caso, o condenado deve recolher-se à sua residência durante o período noturno e dias de folga. Essa forma de prisão domiciliar é admissível quando se trata de pessoa maior de 70 anos, condenado acometido de doença grave, detenta com filho menor ou doente mental ou, ainda, quando se trata de condenada gestante. A jurisprudência tem admitido, também, a prisão domiciliar fora das hipóteses previstas na LEP quando não existe, na comarca, um albergue no qual o sentenciado possa recolher-se.

A individualização e a progressão de pena de cada preso significa, primeiramente, que o juiz precisa observar as particularidades do acusado antes de fixar a pena. Assim, ser classificado como reincidente ou réu primário é de grande relevância na decisão do regime de prisão a ser determinado. Posteriormente, o juiz da vara de execução penal deverá verificar seguidamente a situação do apenado enquanto estiver cumprindo pena. Geralmente, um preso que começa a cumprir pena em regime fechado, depois de cumprir parte de sua pena, poderá ser transferido para o regime semi-aberto e de lá, após mais algum tempo, para o regime aberto, até retornar à liberdade, caracterizando, assim, o encarceramento, como um processo dinâmico e não estático, num prazo fixo de anos.

Porém, nem sempre isso acontece em cumprimento da LEP. A morosidade da progressão da pena possui várias causas, incluindo a falta de assistência jurídica

e o número limitado de juízes para processar os casos. Assim, os sentimentos de injustiça, abandono e descaso são muito comuns nos apenados, despertando, freqüentemente, reações de revolta e violência.

Esclarecidos os regimes carcerários existentes e o processo de progressão de pena – motivo da insatisfação e revolta dos apenados – retomo o relato da situação presenciada em de outubro de 2005, na qual os apenados da PASC deram início a uma (silenciosa) greve de fome. Com exceção dos presos-trabalhadores¹⁹, todos os apenados aderiram ao protesto.

Os agentes penitenciários, por sua vez, em sinal de provocação (ou força?), fizeram um churrasco com a carne que seria utilizada nas refeições, rejeitadas pelos detentos, expondo a churrasqueira diante das galerias. Até apostas foram feitas, para prever por quanto tempo resistiriam ao cheiro e à visão da carne sendo assada. A provocação obteve êxito e a reação foi imediata: bateção de grades e janelas, acompanhadas de gritos por mais de meia hora, ininterruptamente, enquanto os agentes penitenciários degustavam tranqüilamente a carne à sua frente. No entanto, os rebeldes bandidos, diante de tamanha provocação, submeteram-se mais uma vez e duas galerias desistiram de seguir com a greve. Aos heróis resistentes (ou: os menos submissos?), que só desistiram da greve depois de cinco dias e com a visita de um juiz da Vara de Execução Penal, que lhes prometeu providências, foi destinada uma punição: como castigo, perderam o direito a visitas, banhos de sol e foram desligados da liga educacional e laboral, por tempo indeterminado.

Nesse episódio, a violência foi explícita. No entanto, são muitas as situações que envolvem o prejuízo e a violência para com os apenados de forma silenciosa. A desconsideração e o desrespeito são tamanhos que, certa vez, ouvi alguém dizer: “o preso é menos que lixo, pois o lixo ainda pode ser reciclado”. Fui entender melhor essa frase algum tempo depois.

Mais “chocante” que a afirmação supracitada, só mesmo a situação a qual relato a seguir, em que me vi envolvida, sem que dela quisesse fazer parte – mas, por sua causa, pude me sentir do outro lado das grades, no lugar dos bandidos (ou

¹⁹ São apenados que trabalham para a guarda, na cozinha, faxina, manutenção, entre outras, em troca de remição, mas que, a partir daí, tornam-se inimigos dos outros apenados (tendo, inclusive, que ser separados em celas especiais, separados dos demais).

será o contrário?). A equipe técnica da qual faço parte possui um projeto de coleta do lixo reciclável no PASC, cujos objetivos vão desde o controle de vetores ligados à transmissão de doenças até a comercialização do mesmo, para a compra de material higiênico (creme dental, sabonete e escova dental) para os apenados que não possuem família ou condições financeiras para adquiri-los. Para isso, o material é selecionado e acondicionado por alguns presos-trabalhadores, por dois ou três meses ou até que haja uma quantidade viável para a venda. Passado o tempo médio de espera, fui verificar o montante do material. Para a minha surpresa, não havia quase nada guardado. Depois de várias tentativas descobri, através de um apenado trabalhador, que havia uma sala – que, ironicamente, é ao lado da sala de aula – repleta de lixo reciclável, por ordem de alguns agentes prisionais. Com a ajuda da professora, fui até lá para averiguar a “denúncia”. Outra surpresa: a sala, trancada com cadeado, estava até o teto de garrafas plásticas, jornais, papelões etc. Nos vidros da janela, cortinas tentavam esconder o produto subtraído dos “bandidos”. Confesso que minha vontade imediata foi de reagir como os apenados e fazer uma “bateção”, ou gritar para todos ouvirem o absurdo que presenciava. O furto era duplo, a violência do ato também. Nessa situação, além dos presos, agrediram também os técnicos e o trabalho que é feito pelos colegas da mesma instituição. Prefiro reagir denunciando o fato à direção da casa e exigindo a devolução do material a quem é de direito.

A partir dessa situação, pude perceber que a postura assumida pelo preso no interior da prisão varia de acordo com uma série de elementos das mais diversas ordens, que vão desde o *status* social até as articulações que cada um é capaz de estabelecer dentro e fora da prisão. Os caminhos a serem seguidos pelos apenados são imprevisíveis, dependendo de acordos, negociações, sorte, benefícios e conflitos. Pensar a violência nesse lugar é perguntar-se sobre suas expressões e significados. A violência é uma expressão da força, que procura – simbólica ou concretamente – garantir o domínio de uns sobre os outros.

C) A educação cerceada

O tempo passa mais rápido quando estou na sala de aula, quando estou estudando até esqueço os problemas que é estar preso. (Aluno)

Conforme já abordado anteriormente, a Lei de Execuções Penais (Lei 7.210/1984), considerada por especialistas da área uma das mais modernas do mundo, regulamenta a execução da pena de prisão e determina os direitos e deveres dos detentos com o Estado e a sociedade, estabelecendo normas fundamentais a serem aplicadas durante o tempo de prisão. Em função disso, é conhecida como a Carta Magna dos detentos.

O artigo 1º institui, como uma das principais finalidades da pena, a oferta de condições que propiciem *harmônica integração social do condenado ou internado*. Prescreve o artigo 10º que “a assistência ao preso e ao internado é dever do Estado, objetivando prevenir o crime e orientar o retorno à convivência social”. O artigo 11º especifica a assistência devida pelo Estado, devendo essa ser “material (alimentação, vestuário e instalações higiênicas), jurídica, educacional, social, religiosa e assistência à saúde”.

A Superintendência dos Serviços Penitenciários (SUSEPE), subordinada à Secretaria da Justiça e da Segurança (SJS), é o órgão estadual responsável pela execução administrativa das penas privativas de liberdade, das restritivas de direito e das medidas de segurança. De acordo com a Constituição do Estado do Rio Grande do Sul, a política penitenciária do Estado deve ter como objetivo a reeducação, a reintegração social e a ressocialização do preso, definindo como prioridades a regionalização e a municipalização dos estabelecimentos penitenciários, a manutenção de colônias penais agrícolas e industriais, a escolarização e profissionalização dos presos.

Ironicamente, os principais problemas do sistema penitenciário são as violências físicas, psicológicas e sexuais entre presos e agentes de segurança e entre os próprios presos. Também há a superlotação, a falta de assistência médica e medicamentos, ambiente insalubre (paredes com infiltrações, grande número de

ratos e baratas etc.), falta de água²⁰ e de material de higiene²¹. As discussões acerca do sistema prisional e de seu fracasso na recuperação do apenado envolvem várias autoridades, cientistas sociais, juristas, profissionais vinculados ao sistema prisional etc. Como exemplo descrevo parte de um artigo escrito por Luiz Alfredo Paim²², em novembro de 1993, para o jornal *Cidadania* (órgão de divulgação da Secretaria de Justiça), com o título “Prisão Recupera?”

Esta a indagação que, com mais frequência me tem sido proposta desde que assumi o Sistema Penitenciário do Estado. [...] Arrebatado o indivíduo de seu ambiente social e estrangê-lo por anos a fio, entre outros degradados, no recinto exíguo de uma cela, restringir-lhe os vínculos sociais, especialmente os familiares; proporcionar-lhes contato com o crime organizado e obrigá-lo ao ócio [...] É de esperar-se que alguém sobrevivente de longos anos nas prisões de Charqueadas possa dali sair um cidadão exemplar? Seguramente, não! (PAIM, 1993, s/p)

Isso demonstra que, devido ao não-cumprimento das normas de proteção ao detento, fica prejudicada a proposta da Teoria Penal da Nova Defesa Social²³ de reeducação e recuperação. A dinâmica prisional, sua organização e normas, invalidam de maneira evidente os programas e atividades elaborados para oferecer a reabilitação dos apenados. Esses programas – entre eles a educação – passam a regular sua organização e funcionamento num ambiente hostil, através dos fundamentos da contenção, da alta segurança e da sujeição dos homens presos.

O direito ao estudo, previsto por lei para ser exercido durante o cumprimento da pena de prisão, é privilégio de poucos apenados. As vagas compreendem, geralmente, em torno de 10% da população prisional. Segundo dados referentes a 2004, do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), estima-se que o número de pessoas presas seja de aproximadamente 336 mil, sendo 94,4% do sexo masculino (317.568) e 5,6 % do sexo feminino (18.790). Cerca de 70% dessa população carcerária no Brasil não possui o ensino fundamental completo. Porém, além do número reduzido de vagas que impede o apenado de freqüentar a

²⁰ A água é liberada para o banho apenas uma vez ao dia, por poucos minutos, sem aviso prévio.

²¹ Os presos recebem, quando existe na casa, metade de uma barra de sabão e um rolo de papel higiênico de péssima qualidade.

²² Na época, superintendente da SUSEPE, membro do Conselho Nacional de Política Criminal e Penitenciária e Procurador de Justiça.

²³ Em conformidade com a tendência de adoção de políticas criminais mais humanitárias, destaca-se a corrente denominada “Nova Defesa Social” de Marc Ancel, segunda a qual a finalidade precípua de qualquer sanção criminal deve ser a readaptação do condenado à sociedade.

escola, existem, também, critérios escolhidos pela administração prisional, que dificultam ou impedem sua matrícula. Alguns desses critérios são desconhecidos, contrariando, muitas vezes, a Lei de Execução Penal (BRASIL, 1984). Na PASC, por exemplo, o preso que cumpre pena por formação de quadrilha, assalto a bancos, assalto a carros forte, entre outros, (ou seja, os considerados *quadrilheiros, traficantes de drogas, colunáveis*)²⁴ dificilmente (para não dizer nunca) poderá vir a estudar.

A atividade educacional, além de não ser prioridade, é considerada uma atividade complexa dentro do sistema prisional, pois exige uma movimentação dos presos, um maior número de agentes para deslocá-los, revistá-los, algemá-los, acompanhá-los, retirar-lhes as algemas e trancá-los dentro da sala de aula, até o seu término – quando, então, se repete toda a função de segurança, agora com o retorno à cela.. A partir daí, qualquer coisa é motivo para que o apenado não seja *puxado*²⁵, ou tenha as aulas canceladas: pouco efetivo prisional, ameaças de rebelião, *bateção*, revistas nas celas, geralmente planejadas em segredo pela segurança e sem aviso prévio. Esse último procedimento paralisa todas as atividades da casa, devendo os apenados permanecer fechados em suas celas ou no pátio até que tudo termine. A falta de agentes de segurança também é um impedimento para as aulas, pois os presos devem ser revistados quando saem para a sala de aula e quando retornam às celas.

Dentro de um contexto onde o objetivo da prisão é o puro e simples encarceramento e a segurança é prioridade, a atividade educacional passa a ter uma função secundária. No entanto, vista como importante pelos juristas, está sendo admitida paulatinamente, na jurisprudência nacional²⁶, a remição da pena pelo estudo (Art. 126 da Lei de Execuções Penais)²⁷. Também há, atualmente, projetos de lei específicos tramitando no Congresso Nacional (Projeto de Lei nº 6254/2005 e Projeto de Lei 4230/2004).

²⁴ *Colunáveis* é a forma como são chamados os presos mais conhecidos da sociedade, considerados famosos por aparecerem na televisão, jornais e revistas.

²⁵ *Puxar* é uma gíria utilizada no meio prisional, referindo-se ao verbo trazer.

²⁶ Tal orientação há muito está consagrada nas Varas de Execução Penal do Rio Grande do Sul e, agora, alcança os tribunais superiores.

²⁷ O preso que cumpre pena em regime fechado ou semi-aberto poderá remir, pelo trabalho, parte do tempo de execução da pena. A contagem do tempo será feita à razão de 1 (um) dia de pena por 3 (três) dias de trabalho. No caso do estudo, a contagem será feita à razão de 1 (um) dia de pena por 18 (dezoito) horas de estudo.



Fig. 4 – PASC: Vista Externa

Os controles socialmente induzidos através da regulação do espaço e do tempo contribuem, ao interiorizar-se, para ritualizar e formalizar as condutas; incorporam-se na própria estrutura da personalidade, ao mesmo tempo em que orientam uma determinada visão de mundo, já que existe uma estreita inter-relação entre os processos de subjetivação e objetivação. (VARELA, 1995, p. 38)

CAPÍTULO III

UMA INSTITUIÇÃO DE SEQÜESTRO DENTRO DA OUTRA

A) O Espaço escolar entre as grades

O espaço, qualquer que seja, é um elemento importante na determinação de nossas atitudes, permanências, resistências e convivências no mundo. Ele é constituidor, determinante, impositivo ou permissivo. (ROCHA, 1999, p. 11)

Conforme já referido anteriormente, Foucault (1999) denomina de instituições de seqüestro (como o hospital, a escola, a fábrica, a prisão, o quartel etc.) aquelas que têm como principal característica a vigilância e a disciplina. Segundo o autor (ib.), esses estabelecimentos “têm por finalidade não excluir, mas ao contrário, fixar os indivíduos”, mesmo que o resultado seja a exclusão, eles têm por objetivo inicial “fixar os indivíduos em um aparelho de normalização dos homens” (p. 114). As instituições de seqüestro, aprisionam, capturam e exercem relações de poder que colaboram para produzir novas redes de saber e poder que vão favorecer a atualização das possibilidades de fabricação do sujeito moderno. É importante ressaltar que, na perspectiva foucaultiana, as relações de poder estão manifestas em todo corpo social de maneira capilarizada. A escola, enquanto instituição de seqüestro e, especialmente, por ser a instituição social que, na modernidade, *deve ser para todos*, não escapa dessa regra.

Conforme Veiga-Neto (2000a, p. 191),

[...] escolarização de massas surgiu e montagens e combinações, contingentes e feitas as cegas, de práticas físicas e morais, discursivas e não discursivas que envolveram vários elementos de natureza muito diversas: arquitetura, distribuições espaciais e temporais, cuidado com o corpo, vigilância, interdições, avaliações sistemáticas etc.

A tarefa da escola, de acordo com as determinações de alguns reformadores da Educação, seria a de preparar o homem para ser civilizado. Como exemplo disso temos a Pedagogia preconizada pelo Iluminismo e formalizada por Kant (1996),

que afirmava ser aquela apta a coibir o homem de se afastar de sua humanidade, por uma propensão animal. A partir dessa ótica, quanto mais cedo os homens são preparados e educados para integrar-se à vida em sociedade, melhor. Portanto,

[...] as crianças são mandadas cedo à escola não para que aí aprendam alguma coisa, mas para que aí se acostumem a ficar sentadas tranqüilamente e a obedecer pontualmente àquilo que lhes é mandado, a fim de que, no futuro, elas não sigam de fato e imediatamente cada um de seus caprichos [...] (KANT, 1996, p.13).

De acordo com as análises foucaultianas, a função da escola na modernidade é a produção de alunos e alunas autodisciplinados, autônomos e capazes de se auto-regular. Foucault (2004b) afirma que a escola disciplina para a constituição de maneiras específicas de pensar, ver e entender o mundo e a si mesmo – ou seja, ele (ib.) entende a escola como uma instituição formadora de percepções, atitudes e normalizadora.

Uma das funções das instituições de seqüestro, segundo Foucault (1999, p. 120), é a produção de um novo de tipo de poder:

[...] em todas essas instituições, há um poder não somente econômico mas também político. As pessoas que dirigem estas instituições se delegam o direito de dar ordens, de estabelecer regulamentos, de tomar medidas, de expulsar indivíduos, aceitar outros etc. [...] este mesmo poder, econômico e político, é também um poder judiciário. Nestas instituições não apenas se dão ordens, se tomam decisões, não somente se garantem funções como a produção, a aprendizagem, mas também se tem o direito de punir e recompensar.

Esse poder epistemológico, “polimorfo e polivalente”, de acordo com Foucault (1999), tem o intuito de extrair os saberes produzidos pelas mais variadas práticas dos indivíduos submetidos e controlados pelos diferentes poderes. A partir de contínuos e cuidadosos registros, observações e classificações dos comportamentos dos indivíduos, em diferentes momentos, se estrutura, sobre seu saber, um novo saber, que fala deles, que os diagnostica, que determina *o que, como e quando* devem pensar, sentir e agir.

Quando menciono uma instituição de seqüestro dentro de outra, refiro-me a uma escola no interior de uma penitenciária²⁸ (ambas consideradas como instituições de seqüestro). E, ao falar em espaço *entre as grades*, refiro-me ao fato dos alunos não estarem, simplesmente, atrás das grades, uma vez que, além das grades nas portas e janelas, há também as que separam a professora dos alunos. Ou seja, é um espaço duplamente cerceado, cercado de grades por todos os lados. Assim, para pensarmos a escola dentro da instituição prisional, faz-se necessário, primeiramente, observar algumas especificidades do local onde esta pesquisa foi realizada.

A casa prisional em questão é a PASC, localizada em Charqueadas/RS, na região metropolitana de Porto Alegre. Essa penitenciária faz parte de um complexo penitenciário administrado pela SUSEPE e distante 70 km de Porto Alegre. Ela possui um regime fechado, com uma população carcerária de cerca de 300 homens. O prédio é dividido em dois pavilhões de dois andares que comportam dezesseis galerias (oito em cada pavilhão), sendo 18 celas por galeria. Os apenados são confinados em celas individuais, sendo que cada galeria possui características específicas: há uma galeria para os presos mais perigosos, uma para os presos por crimes sexuais, outra para os que não recebem família; outras galerias são ocupadas por facções, e outras, ainda, são específicas para comportar apenados que estão cumprindo castigo²⁹ etc. Os presos-trabalhadores ficam em celas separadas (celas especiais), junto ao prédio da administração, assim como os presos que correm risco de morte ou estão aguardando para “subir galeria” (celas de triagem). Para cada pavilhão há um refeitório, um pátio para banho de sol e uma sala de aula. Em comum, os pavilhões têm uma cantina³⁰, uma biblioteca, enfermaria e salas de atendimento técnico (para uso de psicólogos, advogados, assistentes sociais etc.). Os apenados dessa unidade possuem condenações com penas elevadas, que geram forte repercussão social, sendo considerados/classificados de alta periculosidade. Os detentos ficam trancados em suas celas durante o dia todo, exceto nas quatro

²⁸ Penitenciária é um tipo de unidade prisional do Brasil destinada a custodiar presos condenados em definitivo, ou seja, com sentença penal condenatória transitada em julgado, em regime fechado.

²⁹ O preso cumprirá castigo, de acordo com a existência de um PAD, com autorização ou determinação judicial. Na cela do castigo, é proibido o uso de TV, rádio, ventilador, saída para o pátio e o recebimento de visitas.

³⁰ Local onde os apenados que possuem condições financeiras podem comprar todas as mercadorias permitidas, desde gêneros alimentícios até calçados.

horas diárias em que são liberados para se exercitarem no pátio, seguindo as Regras Mínimas para o Tratamento do Preso no Brasil³¹, que determinam uma hora, no mínimo, de banho de sol.

A escola é composta por duas salas de aula, sendo uma para as galerias A (1, 2, 3, 4) e B (1, 2, 3, 4) e outra para as galerias C (1, 2, 3, 4) e D (1, 2, 3, 4). Apenas uma professora, com formação nos níveis de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, é responsável pelas aulas. Contratada pela Secretaria Municipal de Educação de Charqueadas, é responsável por quatro turmas, num total de 35 alunos, que possuem diferentes níveis de escolaridade. A sala de aula é dividida por uma grade e uma porta gradeada, trancada com um gigantesco cadeado, que separa os alunos da professora. Possui quadro negro e classes comuns. Os alunos assistem às aulas sem algemas e sem vigilância, permanecendo durante todo o período de aula a sós com a professora. Não existe um sistema de avaliação por notas, a não ser a aprovação nas provas de exame supletivo de nível Fundamental e Médio, realizadas semestralmente, na própria casa prisional, caso haja interesse do apenado/aluno em inscrever-se. Porém, a professora corrige e avalia os trabalhos feitos em sala de aula, individualmente ou em grupo, bem como exercícios feitos na própria cela.

A carga horária diária das aulas na PASC é de duas horas, com dois encontros semanais para cada turma. A diretriz, no que diz respeito ao número de alunos, preconiza que sejam matriculados apenas dez alunos por turma, totalizando no momento trinta e cinco alunos. Para ser um aluno, é necessário que o apenado inscreva-se previamente e aguarde vaga, já que o número de inscrições é muito maior que as vagas disponíveis. Uma vez matriculado, o aluno não poderá se ausentar sem justificativa. As justificativas para as ausências podem decorrer de atendimentos jurídicos, médicos ou psicossociais. Caso ocorram três faltas

³¹ Documento elaborado em 1994, as “Regras Mínimas para o Tratamento do Preso no Brasil” consistem de sessenta e cinco artigos abrangendo tópicos como classificação, alimentação, assistência médica, disciplina, educação, trabalho e contato dos presos com o mundo exterior, o que nem sempre é seguido à risca ou respeitado.

consecutivas não justificadas, o aluno é desligado automaticamente da *liga educacional*³², não podendo mais frequentar as aulas.

Considerando que o ambiente da prisão é tenso, apresentando um alto risco (em razão de tentativas de fuga, rebeliões, brigas entre os presos, revoltas, maus tratos etc.) e os presos são “diferenciados” (em termos de tempo de pena e de periculosidade), a segurança na escola é prioridade. Toda e qualquer mudança na rotina da casa causa instabilidade e insegurança. Assim, conforme já referido anteriormente, a movimentação necessária para a condução dos presos até a sala de aula, envolvendo agentes prisionais e apenados, exige muito cuidado, um número suficiente de efetivo carcerário e condições favoráveis, que não comprometam a segurança dos apenados, da professora e dos próprios agentes.

Quanto à sala de aula, as principais dificuldades, segundo a professora, são relativas à falta de preparo para exercer a atividade docente nesse tipo de instituição, falta de apoio técnico, desvalorização do professor por parte da Secretaria de Educação e falta de material pedagógico básico, como livros, cadernos, canetas, giz etc. A professora³³ da PASC, em depoimento escrito, relata que, para ela é

[...] uma dupla experiência, a instituição e os alunos adultos. Recebi pouca orientação, tive que ir construindo uma trajetória, aprendendo, ensinando e refletindo. [...] Se os professores de escolas públicas precisam empreender grandes esforços para pôr em prática seus projetos, imagine o professor do sistema prisional (Professora em 2005).

O que também aparece como um fator complicador das atividades em sala de aula é o variado grau de instrução dos alunos, pois a turma não é dividida por séries e, sim, por galerias ou, então, por crime cometido³⁴. Assim, alunos semi-analfabetos assistem às aulas com quem já concluiu até o Ensino Médio. Além da diferença no grau de instrução há, também, a de formação cultural, o tempo sem estudar, o tempo em que cumpre pena, o tempo que ainda resta para cumprir, bem como se vai ser transferido da casa a curto, médio ou longo prazo. Até o evento da greve de fome, o número de alunos matriculados era de 35 (porém, como castigo,

³²O apenado que deseja estudar na PASC precisa estar inscrito na *liga educacional* para que possa, de acordo com a lei, obter a comutação da pena que lhe dará direito de remir 1 (um) dia de pena a cada 18 (dezoito) horas de estudo.

³³ A identificação foi resguardada a pedidos da profissional, a fim de se evitar retaliações.

³⁴ Apenados que cumprem pena por crime sexual não podem ser colocados com os outros porque correm risco de vida.

os apenados das galerias C e D foram desligados da *liga educacional*, reduzindo esse número para a metade). Para preencher o horário vago, os alunos das galerias A e B passaram a ter aulas com carga horária dobrada. Esse fato demonstra as situações que vão surgindo e se adequando, de acordo com as normas de segurança, regras criadas de última hora, punições impostas, dificultando ainda mais o acesso do apenado à escola, bem como a continuidade do trabalho proposto pela professora.

B) Aluno ou bandido?

Aluno? Aqui não tem aluno não, aqui só tem bandido. (Agente de segurança)³⁵

No interior da PASC, os apenados são conhecidos e chamados pelos funcionários (agentes penitenciários) por apelidos, de acordo com o crime que cometeram ou pelos artigos pelos quais cumprem pena, tais como: *quadrilheiro, matador de criancinhas, os colunáveis, Braza, Caolho, Manco, 157*³⁶, *121 etc.* O nome do apenado, geralmente, é esquecido e ignorado pelos agentes penitenciários. Na lista elaborada pelos agentes de segurança para ser distribuída aos técnicos, com a relação atualizada dos presos, constam, ao lado dos nomes, os adjetivos que os identificarão a partir de então³⁷:

- Virgulino Ferreira (Lampião) – quadrilheiro, perigoso, violento, risco de fuga;
- Luis Fernando da Costa (Fernandinho Beira-mar) – traficante, risco de resgate, ligado ao PCC;
- Francisco de Assis Pereira (Maníaco do Parque) – matador de mulher, estuprador, nojento³⁸;
- Ronald Biggs – assaltante de carro forte, quadrilheiro, especialista em explosivos, líder negativo.

³⁵ Resposta dada quando perguntei se poderia fotografar os trabalhos dos alunos.

³⁶ Os números referem-se ao artigo que condiz com o crime, de acordo com o Código Penal Brasileiro.

³⁷ A título de ilustração, usei nomes de criminosos conhecidos pela mídia, o que não significa que os adjetivos sejam reais.

³⁸ Gíria muito usada pelos agentes penitenciários para classificar o preso que incomoda, que reclama, que fica pedindo coisas, etc.

A escola, porém, é o único lugar onde eles são chamados e reconhecidos pelo nome completo. Como em qualquer escola, existe a lista de chamada para o controle de frequência. A professora nem sempre sabe os crimes cometidos pois, segundo ela, ali na sala de aula, são todos alunos e por isso devem ser tratados igualmente.

Além do nome, o vocabulário utilizado em sala de aula não é o mesmo usado nos outros espaços dentro da casa prisional. Os apenados, quando em contato com os demais, usam muitas gírias e expressões, nas quais as palavras adquirem outras significações.

Convivendo diariamente com apenados e funcionários, inicialmente tive dificuldades de compreender o que era falado. Não apenas pela curiosidade, mas principalmente pela necessidade que meu cargo exige, solicitei à professora da instituição que coletasse, através de seus alunos, as gírias mais utilizadas por eles e informalmente fiz o mesmo com os funcionários. Foram recolhidas ao todo 153 itens, entre termos e expressões, que nomeiam objetos, coisas, ações, atitudes, lugares, drogas, violência e expressões gerais. As gírias coletadas parecem reproduzir a realidade de um grupo de homens encarcerados que criam e usam a gíria para falar sobre a vida na prisão. Ou seja, eles adaptam o sentido das palavras à realidade prisional. A vida no cárcere é muito diferente da extramuros; as vivências são muito particulares e nada é mais natural do que a criação de uma linguagem própria entre os que vivem nessa mesma situação. Essa linguagem, criativa, original e metafórica é construída pela cultura dos apenados e utilizada na descrição/manifestação de formas peculiares de pensar, viver e agir dentro de uma instituição prisional.

Discordando de alguns autores, tais como Halliday (1979) e Garcez & Zilles (2001), bem como de alguns profissionais (delegados, agentes penitenciários etc.) que vêem a gíria como uma linguagem de reação, agressão e revolta marcada pela diferença da exclusão social, percebo as gírias criadas no sistema prisional como uma demonstração da maneira de viver, pensar e sentir própria de um determinado grupo de pessoas, num determinado tempo e espaço. Na prisão, ela não tem por único objetivo ser uma linguagem secreta, uma barreira lingüística, mas uma forma de identificação grupal dos sentimentos, das vivências e das

realidades daqueles que vivem em isolamento físico e psicológico dos que estão extramuros. Não parece tanto servir para marcar uma diferença por si só, mas registrar uma identidade entre os diferentes. Essa diferença acaba criando um mundo, um grupo de iguais. De acordo com Fabris e Lopes (2005)

a noção de pertencimento a um grupo só existe a partir da noção de não pertencimento a outro grupo [...] o processo de diferenciação funciona como condição de existência para uma categoria. Ao nomearmos, criamos lugares e posições de sujeitos, assim como justificam a in/exclusão destes sujeitos em determinados espaços, convenções e padrões de normalidade (p.06).

No espaço escolar da prisão, indivíduos marcados por uma identidade criminal e por uma linguagem institucional ganham um *status social* de “aluno”, por fazerem parte de uma difícil e rigorosa seleção que lhes permite, assim, serem incluídos dentro de um local maior de exclusão, que é a prisão. Essa marca é uma diferença que exclui, mas, que principalmente, inclui. Ser escolarizado serve como um marcador identitário, que confere valores simbólicos, que tanto podem ser positivos como negativos.

O funcionamento de uma escola dentro de uma penitenciária não é bem visto, principalmente, pelos funcionários do sistema prisional – a começar pelos agentes penitenciários, já que alguns acham que é importante, desde que não comprometa a segurança da casa. Porém, a maioria se diz contrária, por julgar que a escola desqualifica um espaço designado para punir, conforme desabafou o responsável pela disciplina e segurança da escola que funciona no PCPA³⁹:

Esses vagabundos têm muita moleza aqui dentro... os professores fazem festinha sempre, eles comem salgadinhos, tomam refrigerante, ficam tirando fotografia, fazendo desenhinho, andando pra lá e pra cá no corredor, até banheiro tinha só pra eles... mandei fechar, tranquei, agora não tem mais essa, eles que esperem acabar a aula.

O grupo ao qual pertence o falante acima, de certo modo, é, em sua maioria, composto por aqueles que defendem um sistema carcerário mais severo, mais punitivo, onde o castigo fique em evidência, o que fez com que sistema carcerário brasileiro fosse denunciado em 1998⁴⁰ à Comissão de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), pela organização não governamental

³⁹ Esse depoimento foi extraído de uma conversa informal cujo falante por questões profissionais, não será identificado.

⁴⁰ Matéria publicada no Jornal *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3º caderno, p.5, 17 mar. 1998.

Human Rights Watch. Essa entidade denunciou a situação crônica de violação da integridade física dos detentos nas prisões, cadeias e delegacias do país. Relatou, também, a preocupação com a superpopulação desses estabelecimentos, bem como com o espancamento e até assassinato de presos como forma sumária de “punição” após rebeliões e tentativas de fuga.

Assim, podemos dizer que tal grupo acredita que a finalidade da prisão é humilhar, transtornar, causar sofrimento e arrependimento, não admitindo que o apenado tenha “regalias” (a escola seria uma), que tenha as mesmas coisas que aqueles que estão livres, ou então, que tenha benefícios ou direitos.

Isso contraria a proposta da LEP, a qual prevê o favorecimento de condições para que o sujeito, afastado do seu meio social, da família e dos amigos, possa *refletir* sobre sua transgressão e, posteriormente, retornar à sociedade. Desconsideradas pela sociedade, essas pessoas presas são tratadas como se não merecessem respeito, dignidade e, até mesmo, se não fossem donas da sua própria vida. Em Iraí-RS, o descaso com os presidiários foi matéria do Jornal Zero Hora (PRESOS..., 2006) sob o título “Presos são usados como cobaias em Iraí”, que denunciava que

Pelo menos 31 dos 93 detentos do presídio Estadual de Iraí, no norte do Estado, foram utilizados como cobaias para o treinamento da aplicação de vacinas por funcionários da Secretaria de Saúde do município. No lugar da vacina BCG, utilizada no combate à tuberculose, as seringas foram enchidas com água destilada. Os presidiários, no entanto, não foram avisados do procedimento com água. (p.53)

As pessoas de uma maneira geral, bem como, na maioria das vezes, os responsáveis pela segurança prisional, acreditam que os apenados devem sofrer mais que o castigo já determinado pela justiça para que se lembrem (sempre) do crime cometido e das pessoas as quais prejudicaram. Esquecem-se, porém, essas pessoas, que o aprisionamento é a sanção maior que o preso pode ter, e não se aplica à maneira de como é tratado. Como exemplo, cito a resposta (do chefe de segurança) para a solicitação de um preso, feita através de mim, de um colchão: “Colchao? diga a ele que lhe mandarei um de faquir, daqueles cheios de pregos, pois assim ele poderá lembrar melhor de todas as crianças que matou...”

Isso expressa o sentimento, não apenas dos agentes penitenciários, mas da sociedade em geral, os quais diante da violência nas ruas e das agressões sofridas, buscam proteção através de maiores punições para aqueles que descumprem a lei. Acreditam que os apenados não podem viver bem, enquanto as pessoas e as famílias de quem roubaram, machucaram, mataram, estupraram etc., sofrem com o que lhes fizeram. Um ditado, muito popular no meio social e prisional, expressa bem o sentimento de algumas pessoas acerca daqueles que cometeram algum delito: “Bandido bom é bandido morto”, determinando, simplistamente, que *uma vez bandido, sempre bandido*.

C) O Disciplinamento dos apenados

Quero melhora a minha leitura e a minha escritura e a prender [sic] a colocar os pontos certo no luga certo, porque quando eu adquirir a minha liberdade eu possa me espessar com as pessoas no modo mais correto que existe ou mais próximo possível. (Aluno)

Michel Foucault, ao descrever uma genealogia das relações entre o poder e o saber, buscou investigar como as práticas sociais podem estabelecer domínios de saber, que produzem novos modos de ser sujeito e de sujeitos de conhecimento. Esse pensador (FOUCAULT, 1998; 2004a) estabelece relações entre as ciências do homem da Modernidade (Educação, Psiquiatria, Psicologia, Sociologia, Psicanálise) e as relações de poder, para justificar o aparecimento de um novo modo de dominação estabelecido com o capitalismo. A prática dessa nova forma de dominação não se restringe à violência e nem à repressão, mas é, sim, criativa, transformadora e educativa.

Veiga-Neto (1995, p. 39) explica que:

Se um “primeiro disciplinamento” estava confinado às prisões, aos patronatos, [...] esse outro, mais aberto, passou a ser tarefa de muitas outras instâncias [...] o hospital, o manicômio, [...] as agremiações e, acima de tudo, a escola. O disciplinamento mais explícito, mais coercitivo, mais corporal, é o da disciplina bloqueio. [...] o escolar, o da disciplina-mecanismo, é um pouco mais tardio e também mais insidioso, mais sutil; continua atuando no eixo corporal mas alastra-se pelo eixo cognitivo. Esse segundo disciplinamento recorre à norma para atuar, para se fazer compreender, para se impor.

Segundo Foucault, o sujeito é produto de uma prática, é fabricado – é um efeito do discurso e do poder. Nesse aspecto, a educação escolarizada atua como dispositivo responsável, porque produz um modelo bem definido de indivíduos. Na escola, há uma variedade de procedimentos de poder que garantem a fabricação de sujeitos específicos. Através da sanção normalizadora, o poder disciplinar fixa a regra para aqueles que não as cumprem, estabelecendo uma infrapenalidade que reprime uma série de comportamentos, os quais, para Foucault (2004a, p. 149), correspondem a

[...] toda uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes “incorretas”, gestos não conformes, sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações.

A existência de um regimento disciplinar deixa subentendida uma micropenalidade diante da possibilidade da infração a qualquer norma. Consoante o referido autor (FOUCAULT, 2004a), a disciplina vai agir, assim, como um tribunal da consciência, determinando um castigo – e a punição acontece no sentido de diminuir os desvios.

Foucault (2004a) diz que “o sucesso do poder disciplinar se deve, sem dúvida, ao uso de instrumentos simples: o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e sua combinação num procedimento que lhe é específico, o exame” (p.143). Para o referido autor (ib.), o olhar já se revela como mecanismo de ordem e coação, desde que por trás dele esteja a lógica da hierarquização. Assim, aparecem as classificações, que marcam falhas, hierarquizam os indivíduos, além de punir e recompensar. Segundo ele, a disciplina aumenta a força e diminui a resistência que o corpo pode apresentar ao poder, sendo que a sujeição não é conquistada só através dos meios violentos ou da ideologia – ela pode ser direta, física, usar força contra força sem, porém, ser violenta. Há possibilidade de ser organizada sutilmente, sem utilizar o medo, a força ou as armas. E são as técnicas disciplinares que tornam possível uma forma contínua e não violenta do exercício do poder.

O referido autor, ao descrever a genealogia das relações de poder e saber, tinha como finalidade configurar a ontologia do presente em relação ao ser/poder para, assim, mostrar que a docilização do corpo é bem mais econômica que o medo, pois a disciplina produz, enquanto o medo aniquila. Ao analisar a finalidade da educação, Foucault (1995) elabora uma concepção de que o sujeito aprende a produzir mudanças em si mesmo, a falar a verdade sobre si para ser conhecido e se reconhecer. Ele demonstra como essas intervenções acontecem por intermédio de atuação direta sobre os corpos, envolvidos em relações de poder que têm como objetivo governar condutas: “a conduta é, ao mesmo tempo, o ato de conduzir os outros e a maneira de se comportar num campo mais ou menos aberto de possibilidades” (p.243).

Veiga-Neto (2001) diz que Foucault “descobriu que essas instituições funcionam como máquinas que não apenas disciplinam aqueles que se submetem a elas”, mas também “imprimem profunda e permanentemente, em cada um, certas disposições (disciplinares) que funcionam para o resto da vida, como códigos” (p.47). Tais códigos, conforme o referido autor, seriam mais implícitos do que explícitos e nos orientariam acerca do que pode (ou não pode) ser feito, pensado, dito etc., bem como acerca do modo como vivemos nossas vidas – o que, numa sociedade disciplinar, “significa viver sob uma rede quase invisível de normas, verdades, proibições etc., cujo objetivo é fazer com que cada um seja capaz de se autogovernar” (VEIGA-NETO, 2001, p.47).

Governar, para Foucault, pressupõe uma estruturação possível do campo de ação dos outros. Conforme Marshall (1999, p. 28-29), consiste numa

forma de atividade dirigida a produzir sujeitos, a moldar, a guiar ou a afetar a conduta das pessoas de maneira que elas se tornem pessoas de um certo tipo; a formar as próprias identidades das pessoas de maneira que elas possam ou devam ser *sujeitos*. Essa atividade diz respeito às relações privadas entre o eu e o eu, ou relações privadas interpessoais com mentores profissionais, ou a relações com instituições e comunidade, ou com o exercício da soberania política. A arte do governo consistiria em fornecer uma forma que deve *individualizar e normalizar*.

Foucault (2004b) demonstra como as técnicas disciplinares, por intermédio de domínios microfísicos sobre os corpos, são usadas para individualizar e normalizar as pessoas. Em um trabalho anterior, ele (FOUCAULT, 1995) afirma

que, a partir do momento em que o exercício do poder é descrito como uma forma de ação sobre as ações dos outros, implica um elemento essencial – a liberdade, conforme vemos a seguir.

O poder só se exerce sobre “sujeitos livres”, enquanto “livres” – entendendo-se por isso sujeitos individuais ou coletivos que têm diante de si um campo de possibilidades onde diversas condutas, diversas reações e diversos modos de comportamento podem acontecer (FOUCAULT, 1995, p. 244).

Vale ressaltar que, se não existir algum tipo de liberdade, algum tipo de resistência possível, não há relação de poder – por exemplo, numa situação de trabalho escravo, ainda presente em algumas regiões no interior do Brasil. A epistemologia foucaultiana nos mostra que o aluno na relação pedagógica é também um agente e não, simplesmente, um objeto de poder.



Fig. 5 – Professora e sala de aula

Ser livre não significa não acreditar em nada; significa é acreditar em muitas coisas demasiadas para a comodidade espiritual da obediência cega; significa estar consciente de que há demasiadas crenças igualmente importantes e convincentes para a adoção de uma atitude descuidada ou niilista ante a tarefa da escolha responsável entre elas; e saber que nenhuma escolha deixaria o escolhedor livre da responsabilidade pelas suas conseqüências e que, assim, ter escolhido, não significa ter determinado a matéria de escolha uma vez por todas, nem o direito de botar sua consciência para descansar. (BAUMAN, 1998, p. 249)

CAPÍTULO IV

A PRISÃO VISTA DE DENTRO PARA FORA

To com 13 anos e 7 meses de condena, olha aqui onde eu estou preso não é fácil de manter a lucides (aluno)

Após a aprovação da minha proposta de dissertação, parti para a coleta de dados que me permitissem ampliar o trabalho o qual já vinha realizando na PASC com os apenados professora e funcionários. Tendo em vista a dinâmica da PASC no que diz respeito à instabilidade de quantos e quais apenados estão matriculados, optei, também, por incluir, na pesquisa, materiais de alguns apenados que já haviam feito parte da atividade escolar na prisão, bem como de alguns daqueles que, no momento da triagem, demonstravam interesse em estudar. Quanto aos funcionários, me ative aos agentes prisionais da casa. As observações foram feitas na sala de aula e nas instalações internas do prédio, com o objetivo de analisar o espaço, o tempo e a organização escolar, a movimentação diária dos apenados, o relacionamento entre apenados e professora (em comparação com a relação entre apenados e segurança). As entrevistas formais e informais, depoimentos escritos, comentários gerais e outros documentos, como o regulamento interno (Regulamento Disciplinar Penitenciário - RDP), prontuários penais, fichas de alunos e avaliações escolares, respaldaram as análises feitas nas observações.

Constatedei, desde o início da minha pesquisa, que não seria fácil colher os dados necessários para a elaboração desta dissertação, uma vez que o campo de pesquisa encontrava-se entre as grades, atrás de altos muros e guardado por pessoas fortemente armadas. Estando ele cerceado e submetido às leis intramuros, senti-me, também, algemada com as mãos para trás, como os apenados quando em trânsito pelos corredores da casa prisional. Mesmo que simbólicas, essas algemas mostravam-me a submissão e o *jogo de cintura* que deveria ter para alcançar meu objetivo.

Os carcereiros

Os agentes penitenciários e àqueles que trabalham no sistema prisional, são comumente chamados de carcereiros e constituem uma categoria, que atualmente, está no centro das denúncias de corrupção e tortura, na maioria das prisões brasileiras. Conforme o referencial teórico de Michel Foucault, já exposto nos capítulos anteriores, a prisão é uma instituição disciplinar que produz saber entre os membros da organização, provenientes de uma diversidade de fontes de conhecimento, científicos e não científicos e justificadores das práticas sociais. As práticas de dominação e sujeição estão baseadas em normalizações e classificações dos comportamentos. As formas que assume a dominação do “outro” nessas instituições podem complementar o discurso jurídico agindo como reforço do mesmo.

Zaffaroni (2001) salienta que os carcereiros, geralmente são formados por pessoas provenientes do meio social mais carente, de onde também se produz mais comumente a criminalização. A quem o autor chama de “policizado”.

Relembrando o que já disse anteriormente, o sistema prisional do Brasil, já foi alvo de denúncias em função de maus tratos e torturas em seu interior. A grande maioria das pessoas que trabalham nas prisões acredita, que ali é um lugar próprio para punir, causar sofrimento e arrependimento.

Na PASC, não é diferente. No entanto, o corpo técnico diverge dessa opinião, fazendo que haja uma certa divergência de pensamento e trabalho. Para os agentes penitenciários, além de ser “babá de bandido”⁴¹ eu estava ali para “espionar”, “dedurar” e dificultar o seu trabalho. No entanto, esses funcionários responsáveis pela segurança prisional, movimentação dos apenados e funcionamento da instituição eram peças fundamentais para o estudo que realizava e não poderiam ser ignorados.

Conforme exposto na proposta desta dissertação (NASSIF, 2006, p. 39),

[...] optei por concentrar meus esforços investigativos sobre os agentes penitenciários, por considerar que são eles que estão

⁴¹ Apelido dado aos técnicos (psicólogo e assistentes social) das casas prisionais.

diretamente ligados às questões que envolvem o preso e sua rotina. Serão utilizados conversas e depoimentos informais, já que há um sentimento persecutório quanto a pesquisas e levantamentos feitos especialmente, por psicólogos da casa.

O primeiro contato que tive com uma prisão e com pessoas responsáveis pela sua segurança, foi no Presídio Central de Porto Alegre (PCPA), na ocasião do estágio obrigatório, antes assumir meu cargo como psicóloga no sistema prisional. Embora já tivesse interesse pela educação de apenados, a escola que funcionava nessa casa carcerária foi a primeira visitada por mim. Foi assim que tive contato com o chefe de segurança do NEJA⁴², na época um sargento da Brigada Militar que era o responsável pela segurança da escola e seleção dos interessados em frequentá-la, cujos critérios seletivos iam desde o comportamento do apenado até o crime cometido. Como auxiliares, contava com dois apenados, ex-alunos, com ensino médio completo, que exerciam a função de secretários, digitando e organizando toda a documentação local. Enquanto chefe de segurança da escola, afirmou que nunca tivera problemas com o comportamento dos alunos, pois caso isso acontecesse, eles sabiam que perderiam o direito a frequentar as aulas permanentemente. Além disso, ele usaria a força, caso necessário: “meto bala em quem se fizer de valente”. Disse isso apontando para a pistola que carregava na cintura. Nem a presença de seus auxiliares o intimidou ao falar de forma agressiva e pejorativa dos alunos /apenados, a quem chamava de vagabundos.

Essa situação aumentou meu interesse pelo assunto, meu desejo de saber sobre a importância da escola para essas pessoas aprisionadas, tão desconsideradas pela sociedade e pela instituição que os acolhia. A prisão, as pessoas que lá trabalhavam, as grades, as armas, a agressividade, o perigo, a sujeira, a violência, tudo me era muito estranho. Não conseguia compreender como uma escola poderia funcionar daquela forma tão organizada, com as pessoas se sentindo tão tranquilas, os apenados tão motivados e satisfeitos num ambiente tão hostil. Creio que esse foi o passo inicial para esta pesquisa.

Assim, inicialmente, sem saber qual a melhor maneira de chegar até as informações dos agentes penitenciários, fui anotando todas as situações as quais observava e que envolviam a relação do preso com a segurança e rotina da casa.

⁴² Núcleo de Educação de Jovens e Adultos.

Aproveitando-me de minha condição de estagiária (no PCPA) e funcionária nova no cargo, cuja primeira casa prisional a trabalhar era a PASC, bem como, do desconhecimento do seu funcionamento, perguntava *tudo a todos*. No entanto, chegou um momento que foi necessário *peneirar* o material colhido, organizar as informações e escolher determinadas pessoas a quem continuaria entrevistando e observando informalmente. Escolhi, para tanto, oito agentes penitenciários que tinham participação ativa nas decisões relacionadas ao setor educacional e contato direto com apenados/alunos do local que havia elegido como principal fonte de pesquisa – a PASC. Dentre eles, o diretor, os chefes de segurança, o responsável pelo setor educacional e seguranças responsáveis pela movimentação dos presos até à sala de aula. Também selecionei, entre todas as situações presenciadas por mim, aquelas que, de alguma forma, envolviam a violência no sistema prisional e a punição “extra” sofrida pelos apenados no cotidiano do cárcere. As situações de violência que registrei foram muitas. Selecionei as mais marcantes ou que me impressionaram especialmente.

O descaso pela atividade escolar, dentro dos presídios, é muito grande e na PASC, talvez por ser uma penitenciária de alta segurança, isso parecia ser mais marcante. Muitas vezes, presenciei os chefes de segurança comunicando à professora que, naquele dia, não haveria aula “por questões de segurança”. Não raro, essas questões não eram esclarecidas mas ocorriam, por motivos diversos, como falta de agentes penitenciários, transferência de presos, troca de quinzena⁴³, deslocamento de presos para audiência, revista nas celas no dia anterior ou no mesmo dia, castigo para as galerias, ameaça de fuga, ameaça de invasão, visitas de autoridades, enfim, qualquer coisa servia como desculpa para não “puxarem” os presos para assistirem aula. Nessas situações, professora, ao menos, é avisada, o que já não acontece com os apenados.

O chefe da “liga educacional” é quem controla a lista dos interessados em estudar e quem define os que podem ou não frequentar as aulas, na medida em que vão abrindo vagas. Porém, não há uma organização para isso. Ele dificilmente sabe se há vagas, quantos estão esperando por elas, quem são os alunos, quem deixou de

⁴³ A cada quinzena muda o quadro de agentes penitenciários. Assim, até que a equipe esteja novamente completa, passam-se dois ou três dias.

freqüentar as aulas por transferência ou motivo de doença, ou mesmo por mais de três faltas sem justificativas. Essas informações quem tem é a professora, embora sejam da responsabilidade do agente penitenciário destinado para isso.

Faz-se necessário ressaltar, que as várias situações e comentários envolvendo a violência explícita ou implícita dentro da casa prisional pesquisada, de autoria dos agentes penitenciários, foram selecionadas a partir das observações de campo e entrevistas informais. As mesmas estão distribuídas no corpo do trabalho como um todo, sendo desnecessário repeti-las nesse momento.

Análise de documentos

Assim que iniciei esta pesquisa, pensei em traçar um *perfil* do apenado que estava matriculado na escola. Para tanto, elaborei um questionário (em anexo) com dados que indicavam, dentre outros, a identidade do apenado (nome, apelido, idade), a execução da pena (artigo, pena, reincidência, fugas etc.), a formação educacional (série que estuda, por que está estudando, o que mais gosta na escola etc.), a formação educacional pregressa (idade que começou a estudar, idade que parou, reprovação etc.). Contudo, quando comecei a aplicá-lo, percebi que não era prático pela extensão de dados, bem como pela inutilidade de alguns. Até que me desse conta disso, havia aplicado o questionário a seis apenados. Desisti de traçar esse perfil tão detalhadamente pois, além de trabalhoso, havia itens desnecessários para o que estava investigando.

Os prontuários penais foram, também, na primeira parte desta pesquisa, consultados. Mesmo depois de desistir de traçar o perfil do apenado/aluno, foi importante conhecer como essas pessoas chegaram a PASC, qual era sua trajetória delitiva, não no sentido de saber os crimes ou a periculosidade dos mesmos, mas para entender por quais situações esses sujeitos já haviam passado até desejar em se tornar escolarizados na prisão. Recheados de histórias tristes, violentas e perversas, esses documentos, especificamente, me ajudaram a lançar um outro olhar sobre os que até então, para mim, enquanto psicóloga da casa, não tinha. Uma das principais funções do psicólogo enquanto técnico do sistema prisional, de

acordo com que determina a lei e a SUSEPE, é a de realizar avaliações psicológica, tendo em vista a progressão de regime.

Assim, o psicólogo volta-se mais para a vida delitiva do apenado ou seja, para a trajetória criminal. Neste sentido, que esclareço, que ao ler os prontuários e fichas dos apenados de uma maneira mais detalhada, tive a oportunidade de vê-lo além da visão técnica, que nos obriga o exercício da profissão nesta instituição prisional. Tais prontuários e fichas, estão arquivados na PASC por motivos de ordem ética e prática, não há como transcrevê-los aqui (nem mesmo uma amostra daquilo que contêm).

Conhecendo bem a vida (pessoal e principalmente, escolar) do apenado (para os técnicos) ou bandido (para os agentes penitenciários), precisava agora entender como ele chegou a se tornar aluno, quais atravessamentos favoreceram essa outra condição dentro de uma penitenciária com características tão específicas, como a PASC. Para tanto, busquei ajuda da professora da casa, que me explicou detalhadamente o caminho que o apenado deveria fazer para alcançar uma vaga na escola. Ela forneceu-me a lista de interessados⁴⁴, a de matriculados⁴⁵ e a de frequência (em anexo).

Os professores

Quando estagiava no PCPA, tive a oportunidade de entrevistar informalmente alguns professores e a diretora do NEJA que funciona no interior dessa casa prisional. Os dados colhidos permitiram-me verificar a importância da educação no sistema prisional. Não poderia ser inverdade o que afirmavam, unanimemente, os cinco profissionais. A limpeza, a organização, os trabalhos confeccionados pelos alunos, as fotografias expostas só confirmavam as suas falas: “Os alunos assistem às aulas sem algemas e sem grades, porque aqui eles nos respeitam”, disse uma jovem professora. “Tenho a certeza que se houver uma rebelião, seremos as últimas pessoas escolhidas como reféns”, afirmou a diretora.

⁴⁴ Por tratar-se de presos, a lista não pode ser divulgada, fato esse que impede que a mesma esteja em anexo.

⁴⁵ Não está em anexo pelo mesmo motivo explicado acima.

Senti um certo estranhamento. Como pessoas tão disciplinadas, amáveis, dispostas, que acreditavam em seu trabalho como professores, conviviam com policiais, guardas e armas e, sobretudo, com descrença e desmerecimento de seu trabalho? Precisava ouvir outros profissionais de outras prisões, estabelecer um comparativo em suas falas.

Tive essa oportunidade num curso de capacitação para funcionários da SUSEPE, que iriam desenvolver o “Programa Canal Futura” nas casas em que trabalhavam. Dentre esses, alguns eram professores que atuavam nas casas prisionais de Charqueadas e do interior do estado. Soube, através de entrevistas informais, que as professoras consultadas concordavam com seus colegas do PCPA, ou seja, se sentiam seguras e gostavam de lecionar intramuros. É claro que listavam as dificuldades, como, falta de materiais didáticos, colaboração dos agentes penitenciários, carga horária insuficiente, falta de orientação e capacitação para atuação dentro de uma prisão, mas nada que se referisse aos apenados e seu comportamento em sala de aula. Ao invés disso, afirmaram unanimemente sentirem-se seguras junto aos seus alunos. Algumas inclusive, citaram demonstrações de afeto e carinho, expressos através de bilhetes, desenhos e agradecimentos feitos pelos apenados/alunos.

Na PASC, como havia apenas uma docente responsável pela educação escolar de todos os internos, e por ser ela uma pessoa muito acessível, tive a oportunidade de vários encontros, entrevistas e um depoimento escrito. Além disso, pude observar a sua atuação em sala de aula e manuseio dos instrumentos pedagógicos utilizados. A diferença entre essa profissional e os agentes penitenciários, quanto à satisfação do que faz, da sua maneira de ver e tratar o apenado/aluno, a valorização da escolarização na prisão, é muito grande. Essa professora que, antes de vir para essa casa prisional só havia lecionado para crianças e adolescentes tanto da rede pública como particular, afirmou ser muito gratificante viver a experiência de trabalhar com adultos infratores. Mostrou, através de sua prática pedagógica, que buscava superar tanto a simples punição quanto o paternalismo, a partir de atitudes acolhedoras, respeito e a não-discriminação, acompanhadas de exigências e regras claras. Em seu depoimento, explica:

Quanto ao trabalho diretamente com os reeducandos, se aprende e se ensina, eles respeitam e valorizam o professor. Desde que se tenha uma proposta não só conteudista, saiba ouvir, estabelecer regras, seja justo e principalmente honesto e correto em atitudes [...] Eles são educados, costumam opinar e ouvir [...] se sentirem firmeza por parte do professor, terão mais respeito e consideração.

A referida professora explica, que através de sua prática exigir dos alunos em sala de aula não é um condicionamento à aceitação das normas e nem uma arbitrariedade de quem ensina, mas, antes de tudo permitir a escolha, favorecer ao sujeito o reconhecimento de si enquanto alguém que merece consideração e acolhimento num espaço próprio para aprender. Sentir-se aceito é também sentir-se exigido. Sem essa exigência, seria paternalismo.

Percebemos claramente através desse depoimento, o que Foucault (1995, p.243) descreve como relação de poder,

[...] O exercício do poder [...] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.

Cabe ao professor -responsável pelo cumprimento da lei dentro do espaço escolar - criar condições para que não se negue a dignidade daquele que vive encarcerado num lugar onde a arbitrariedade predomina. Esse entendimento foi construído sem nenhuma orientação, conforme relata:

Tive que ir construindo uma trajetória, aprendendo, ensinando e refletindo [...] Aprendi em primeiro lugar: a ter paciência [...] em segundo lugar ser humilde [...] em terceiro lugar a coragem [...] em quarto lugar demonstrar segurança, qualidade que julgo indispensável a quem trabalha em qualquer função, mas principalmente quem lida com seres humanos, e num presídio mais ainda, pois lidar com indivíduos que cometeram delitos graves e estão tolhidos de sua liberdade requer uma postura em que jamais perca a noção da ética e dos princípios morais. (Professora, PASC, 2005)

O desafio, porém, não se reduz apenas a saber tratar os apenados/alunos, mas, antes de tudo, relacionar-se com os agentes penitenciários de maneira que seu trabalho seja desenvolvido. Como na PASC, as salas de aula ficam ao lado da inspetoria, onde fica a guarda, no corredor de acesso para os pavilhões e para a administração. Fica exposta por vidros, a todos que passam por ela. A professora pode ser ouvida pelo lado de fora, o que já lhe causou alguns transtornos.

A escola, segundo Foucault, (2004a, p. 172) torna-se, “um espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num

lugar físico onde os menores movimentos são controlados onde todos os acontecimentos são registrados”. Esse tipo de vigilância permite a segurança um controle sobre todas as movimentações na escola: as atividades, o que se fala, a classe “indisciplinada” e outros mais.

Na PASC, as práticas transgressoras ocorridas na sala de aula são *registradas* na forma de “ocorrências” estas relatam as ações dos alunos e dos professores que, posteriormente são avaliadas. Através dessas *ocorrências*, ambos podem ser punidos. Os alunos com o desligamento da escola e a professora, transferida ou exonerada do cargo por ser funcionária pública dependendo da gravidade do ocorrido.

Certa vez, fui convidada por ela para trabalhar com os alunos um filme que passaria para eles. Combinamos com os alunos que levaríamos pipocas, já que o filme era longo. No dia combinado, com tudo pronto para o início do filme, a professora levou o milho da pipoca à cozinha para que fosse preparado pelos apenados responsáveis por esse setor, sendo que já havia solicitada permissão para isso com o chefe educacional. Para nossa surpresa, quando estávamos dando início à atividade, o chefe de segurança do dia a chamou através do vidro da janela. Quando voltou, trazia estampada em seu rosto, decepção e indignação que teve que disfarçar, ou melhor, como ela mesma disse, “engolir”. Explicou-me a sós que havia levado a maior “bronca” por querer levar pipoca para dentro da sala de aula. Sem justificativas, foi advertida para que isso nunca mais se repetisse, com riscos de sofrer maiores “castigos”. Confidenciou-me que havia se sentido como “uma criança de cinco anos, levando *pito* dos pais por alguma arte”. Nesse mesmo dia, falou-me que não poderia mais me deixar assistir às suas aulas, que me ajudaria no que fosse preciso, mas tinha que preservar seu emprego, bem como não prejudicar seu trabalho com os alunos, uma vez que poderia ser “boicotada” pela segurança. O medo estava implícito em suas palavras e expressão facial, pois falava baixo embora as portas fechadas.

Esse fato me fez refletir: se os agentes penitenciários assustaram e ameaçaram uma pessoa livre, uma profissional cedida por um outro órgão, uma senhora tão educada e ciente do seu papel, como não seria com os apenados, pessoas sofridas, amargas, que estão ali contra sua vontade, homens que

cometeram delitos graves contra a sociedade, que estão sob o domínio de seus guardiões? Comentei essa minha preocupação e ela me entregou uma queixa por escrito, que uma colega anterior a ela tinha feito à direção depois de ter sido “denunciada” por agentes penitenciários que a registraram no livro de *ocorrências*, acusando-a de incitar os apenados contra a segurança. Sentindo-se injustiçada, a docente, que teve seu nome registrado como quem tivesse cometido uma falta grave, declara em seu depoimento:

[...] esclareço ainda que com certeza não fiz nada que viesse contra as normas da segurança da casa e que vejo tais declarações como evidências de fato que ocorrem, onde agentes penitenciários comentam que as professoras são “amiguinhas” dos apenados. Querem vir para o presídio aparecerem, pensam que são salvadoras da pátria e, nós é que temos que andar carregando esses “bandidos”.

Essa docente foi transferida em seguida para outra casa prisional, contra sua vontade. Percebi, então, que a violência não atingia apenas os apenados, mas também aqueles que acreditavam e trabalhavam a favor de sua reintegração social, apostando numa *possível* mudança de conduta. É como se houvessem apenas dois mundos, dos *bons* e dos *maus*, dos *mocinhos* e dos *bandidos* e os bandidos deveriam ser excluídos, ameaçados, desacreditados e punidos sempre, bem como aqueles que do lado seu lado ficassem.

Sala de aula – Observações

A escola configura-se como um ambiente parecido com uma prisão em sua disposição física, seus mecanismos de disciplinarização, sua organização hierárquica, sua vigilância constante. Essa analogia refere-se ao sistema penitenciário no contexto apresentado por Foucault, em que as prisões disciplinares tinham por objetivo a readaptação e integração de “corpos dóceis” à sociedade.

O poder disciplinar está presente nas instituições escolares, nelas existem mecanismos que efetivam a disciplinarização dos indivíduos que a compõe. De acordo com Foucault (2004a, p.118-119),

esses mecanismos permitem o controle minucioso do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade – utilidade são o

que podemos chamar as “disciplinas”[...] a disciplina fabrica assim corpos “dóceis”. A disciplina aumenta as forças do corpo(em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças do corpo(em termos políticos de obediência).

A sala de aula na PASC além de todas essas características, apresenta ainda, grades dividindo a professora dos alunos, como se fosse para lembrar, tanto os alunos, como a professora, que esse espaço pertence a uma instituição prisional.

A observação, em sala de aula, aconteceu antes do episódio filme / pipoca por três vezes. Fui bem recebida pelos alunos que, curiosos, queriam saber o que lá fazia, já que me conheciam como técnica da casa. Expliquei a pesquisa que faria e solicitei a ajuda deles para tanto. Percebi uma diferença ao encontrá-los em sala de aula, espaço sentido por eles, como sendo deles e não meu. O meu era a sala de atendimento com eles algemados e vigiados por um guarda. Senti que nossa relação nesse *locus* era outra, eles pareciam outras pessoas. A maneira de vestir, sentar, posicionar-se, conversar era diferente. Banhos tomados, cabelos penteados, sorriam, cochichavam e brincavam como se fossem crianças em sala de aula, quando chega alguém para uma visita. Eu também me sentia diferente diante deles, pois ali eles não eram pessoas perigosas, e sim alunos/crianças curiosas, não eram bandidos contando seus crimes, enxugando as lágrimas com os joelhos, porque as mãos estão presas, mas alunos livres, sorridentes, contando coisas produtivas, falando do desejo de aprender, mostrando *suas* produções, *seus* cadernos, *sua* sala de aula. O ar de submissão que carregavam nas entrevistas com os técnicos ou quando andavam pelo *brete*⁴⁶, ali, era substituído por um ar de orgulho, de certa importância. A professora também não escondia esse sentimento pelo trabalho com essas pessoas tão desacreditadas por muitos.

A sala de aula, se não fosse pelas grades separando alunos da professora, seria como outra qualquer, com classes enfileiradas e cartazes de trabalhos fixados na parede. Segundo Foucault (2004a, p.127), a exigência da distribuição das classes em fileiras, com alunos em ordem e uniformizados tem como objetivo

⁴⁶ Brete, é expressão empregada nas prisões, mas que tem significado, em fazendas de gado, como o corredor estreito percorrido pela rês para ser abatida.

garantir a obediência dos alunos, e uma melhor utilização do tempo. Cria espaços funcionais e hierárquicos, “[...] trata-se de organizar o múltiplo, de se obter um instrumento para percorrê-lo e dominá-lo, trata-se de lhe impor uma ‘ordem’ [...]”

O quadro negro, na parede, comum em qualquer sala de aula, é visto pelos alunos *repartido* pelas grades. O tempo de duração das aulas varia de uma a duas horas, dependendo da hora que os alunos estão em sala para seu início. Isso vai depender da segurança, que é responsável pela locomoção dos alunos até a sala de aula. Somente após a entrada de todos e de ser cadeada a porta que divide a sala é que a professora é chamada para dar início à aula.

O horário de início das aulas nunca foi respeitado pelos agentes penitenciários que conduzem os reeducandos. O horário estipulado de início é 14h com término às 16h30min. Ainda não tive o prazer de entrar para sala de aula antes das 14h40min, isso quando não entro às 15h15min, 15h25min. (Professora, PASC, 2002)

Porém, os alunos deverão estar prontos para serem conduzidos à sala de aula desde as 14h. Não há intervalo durante o tempo de aula e o aluno não pode sair para ir ao banheiro.

Como o grau de instrução dos alunos é bastante diversificado, a professora organiza as matérias e temas que abranjam a maioria. De acordo com o nível de dificuldade de cada um, ela faz a avaliação. Propicia a todos um momento para falar o que pensam e entendem de cada assunto discutido em sala de aula, a partir de reportagens tiradas de jornais e revistas, atividade de grande interesse da maioria. É através dela que tomam conhecimento do que acontece extramuros. Percebi que prioriza essas atividades ao invés de regras gramaticais, problemas matemáticos, fórmulas químicas etc. Não que isso não seja trabalhado, mas a ênfase está nos acontecimentos atuais do Brasil e do mundo que ela relaciona com conteúdos de geografia, ciências, história etc. De acordo com a professora, o objetivo principal da escola na prisão seria o preparo dos alunos para prestarem a prova do supletivo. Porém, segundo ela, é muito baixo o número de alunos que se inscrevem nas provas, mesmo com seu incentivo e insistência. Assim, prefere trabalhar, em sala de aula, conteúdos que sejam de maior necessidade e importância para eles. Os que sabem mais ajudam os que sabem menos. É bastante visível entre eles que a vontade de aprender é diretamente proporcional à vontade de ajudar, como se o sucesso de um implicasse o sucesso de todos, a manutenção

da escola e das aulas. O ânimo e o prazer de assistir às aulas, de pertencer a esse espaço é visível em todos.

A relação professor - aluno é de respeito, as regras estabelecidas são acatadas sem discussão. Segundo a professora, nunca foi preciso a intervenção da segurança para auxiliá-la em algum conflito. Eles se dirigem a ela por *Sra* ou *Dona* e ela pelos seus nomes de registro, coisa rara na prisão. A linguagem também é diferente da utilizada nos outros locais da penitenciária, pois na sala de aula raramente utilizam a gíria prisional. Por vezes, até trazem alguma como curiosidade, como quando solicitei à professora que selecionasse com seus alunos as mais utilizadas entre eles. Esse momento foi aproveitado para o estudo das figuras de linguagem, significado das palavras e sinônimos e os níveis de linguagem (culto, coloquial, regional...).

Alunos

Do total de trinta e cinco alunos matriculados na escola, seis responderam a um questionário (já citado), vinte e dois fizeram *redação* (depoimento escrito) e sete foram entrevistados informalmente.

Antes de coletar informações dos apenados/alunos, fiquei insegura sobre como proceder para que não houvesse uma impressão persecutória na direção e segurança da casa. Pensei, inicialmente, em aproveitar as triagens⁴⁷, para aplicar um questionário, já citado anteriormente. Coloquei de lado os questionários (sem descartá-los), enquanto pensava em outro procedimento para consumir a pesquisa. Porém, com a lista dos alunos em mãos e já tendo consultado o prontuário penal de cada um deles, fiz um levantamento rápido de quem eram essas pessoas que ali estavam. Assim, soube que ali encontraria homens com idades de 20 a 51 anos, cujas penas variavam entre 08 a 75 anos, por crimes que iam desde assalto até homicídio, com níveis de escolaridade que variavam do analfabetismo até ensino médio completo sendo que dos trinta e cinco, quatro são analfabetos e dois têm ensino médio completo.

⁴⁷ Procedimento de rotina feito pelos técnicos aos presos, assim que chegam na casa prisional.

Conversando com a professora, soube que os alunos gostavam, e muito, de falar sobre suas vidas, suas histórias pessoais. Combinamos, então, que solicitaria uma redação sobre a escolha de estudar durante o cumprimento da pena de prisão, a quem quisesse elaborá-la e se sentisse à vontade para escrever sobre o tema proposto. Aprioristicamente, ou seja, quando fui observar as turmas, expliquei a todos o motivo de ali estar e a importância deles no meu trabalho. Dividi essa tarefa em três momentos, que denominei de ‘quebra-gelo’, observação e material escrito.

O *quebra-gelo* foi o meu primeiro contato com eles em sala de aula. Como num *bate-papo*, falamos sobre o significado de estudar na prisão, escola, família, sociedade e aprisionamento. Parte dessa conversa consegui gravar, mas como isso não era permitido e para não criar problemas à professora, anotava as principais falas.

No segundo momento, o da observação, permaneci calada, sentada ao lado da mesa da professora, do lado de fora das grades, limitando-me a assistir à aula e anotar os acontecimentos.

No terceiro momento, juntamente com a professora, solicitei a redação com o tema proposto. Esse foi um momento bastante especial, já que, ao entrarmos no assunto, muitos começaram a falar sobre o que sentiam e pensavam a respeito. Fizem várias perguntas e queriam que déssemos um título para ser único para todos. Explicamos que isso ficaria a critério de cada um. O tempo utilizado para escreverem ou nos ditarem – como foi o caso de alguns - ultrapassou alguns minutos das duas horas de aula.

De posse desse material, repleto de informações, não sabia por onde começar. Lendo e relendo diversas vezes, achei por bem dividi-lo em quatro (04) categorias: motivação, tempo e espaço escolar, relação professor e aluno e inclusão social, ou seja, dados que percebi serem comuns em todos os textos e conversações. Assim, elaborei um novo instrumento (em anexo), com dados mais específicos, aonde depois ia registrando as falas de acordo com os itens selecionados.

No item motivação, busquei entender o que levava esses homens a lutarem tanto por uma vaga como aluno em uma escola dentro da prisão. Por que esperar

pela oportunidade, perder o direito da saída ao pátio, já que o horário, na maioria das vezes é o mesmo e, ainda, submeter-se, além das regras da prisão, ao regulamento da escola?

Logo percebi que o desejo de estar na escola, na prisão, não incluía no segmento motivação, a remição, tão amplamente discutida e pensada como um benefício pelos operadores do Direito. A resposta, em sua maioria, deixava explícito um desejo de melhoria de condições, de alcançar algo que até em então lhes era inacessível por outros meios, tal como se percebe nos seguintes depoimentos, transcritos na sua forma original⁴⁸:

Estou estudando pra aprender um pouco mais do que sei. Com isso conseguirei um trabalho com mais facilidade.

Hoje estou estudando para ver se recopero o tempo que fiquei sem estudar.

Como da para observar os erros de caligrafia e ortografia são muitos. E este é um dos motivos pelo qual lutei pra conseguir uma vaga no colégio.

Lá fora nunca tive tempo para estudar, e esse é um dos motivos do porque que estou estudando aqui.

Tive como meta concluir o ensino fundamental e médio porque acreditava que com esse objetivo alcançado conseguiria a progressão de regime para prestar o vestibular e posteriormente cursar uma faculdade.

Eu estudo para aprender, e assim quando tiver em liberdade, poder disfrutar do que estou aprendendo.

Eu pretendo com os estudos, uma nova chance para uma vida nova, pretendo continuar estudando quando estiver em liberdade.

Frequento as aulas para manter me, atualizado em situações de educação, é um vínculo que deixa o preso interligado com a sociedade.

Alguma razões que me levaram a escola, também foram por ter filhos estudando e pouco saber para ajudalos. Outro motivo e que realmente gosto de aprende, saber mais.

... seja como for acho que nunca é tarde pra recomesar aproveitar as oportunidades que dia la atrás, onde ainda era garoto desabroçando pra vida deixei fugir uma bela oportunidade dos estudos.

Os estudos é conhecimento prazer cultura e tantos outros benefícios...

... porque sem estudo não é nada fácil.

eu tenho 2 filhos e eu tenho que dar um exemplo bom pra eles e quero que eles sempre estudem tambem

porque qualquer serviço que eu for arrumar tem que ter no, minimo a 8ª seria.

primeiro porque eu saio um pouco mais da cela, outro motivo é que aprender é sempre bom.

porque estudar é importante em qualquer lugar.

Inicialmente, quando passei a entrevistar os apenados, parecia que o fato de sair da cela, de sair da clausura e isolamento era, para o aprisionado, o objetivo maior. Pelo menos era assim que eu pensava. No entanto, ir para o pátio também propiciava a saída de dentro da cela e o contato com outras pessoas e isso não demandava nenhum esforço, já que é direito de todos os contidos e repete-se diariamente. Comecei no momento de atendimentos com os presos, de uma

⁴⁸ Todas as transcrições dos textos e falas dos apenados que se seguem estão no original, ou seja, tal como escrito e falado por eles.

maneira geral, a indagar como se sentiam quando estavam no pátio. Para minha surpresa, um grande número de apenados afirmava que gostava de ir para tomar sol, fazer exercícios físicos, mas que preferiam se manter distantes dos outros, já que a conversa girava sempre em torno de violência, crimes cometidos e, até mesmo, planos de fugas e prática de novos delitos quando reconquistassem a liberdade. Ao perguntar-lhes se tinham amigos no interior do cárcere, a maioria respondeu “aqui não se tem amigos não” ou então; “apenas colegas de profissão”.

Achei pertinente investigar a representação do espaço e tempo da sala de aula na vida dessas pessoas. Para alguns, perguntei diretamente e, da maioria, colhi do material escrito. Assim, no item espaço e tempo escolar, a experiência de estar na sala de aula num determinado tempo era, para os apenados, muito diferente de outros locais dentro da prisão, como colocado em seus depoimentos escritos e / ou falados. Assim, percebi que a sala de aula é vista como um espaço não pertencente à penitenciária, que traz prazer, onde o tempo é bem aproveitado e passa mais rapidamente,

É uma forma de manter o saber sempre em movimento, em coisas úteis e produtivas, pois as maiores fragilidades das prisões, é ter ocupações para que um dia não seja um ano”

A sala de aula na PASC, parece ser para os apenados/alunos, o tempo/espaço de contato com o mundo externo, onde o constituir-se *escolarizado* vai acontecendo, à medida que experiências vão adquirindo formas e significados.

Segundo Larrosa (2001, p. 3),

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.

Nesse sentido, que aqui procuro entender o tempo e espaço da sala de aula na prisão, como possibilidade de acontecimento de experiência e de significações, que sejam particulares e que aconteçam a cada apenado/aluno.

O tempo passa mais rápido quando estou na sala de aula. quando estou estudando até esqueço os problemas que é estar preso. É um momento de descontração. todos nós falamos assuntos diferentes do dia a dia da cadeia. tudo o que aprendemos vai nos ajudar no futuro da nossa vida. tenho certeza de que estou aproveitando muito bem o tempo na sala de aula.

Estudar é a melhor coisa que posso fazer nesse lugar.

É uma pena que a casa não colabore para eu poder estudar todos os dias da semana, mas mesmo que continue a aula só uma vez por semana eu não vou deixar de estudar.

A escola como um espaço de recuperação de oportunidades e tempo perdido:

Lá fora nunca tive tempo para estudar, e esse é um dos motivos do porque que estou estudando, sei que 2 horas semanais não é muito, mais só de poder falar com alguém de ter contato com uma pessoa que esta lá fora isso me ajuda. Não sei se lá fora terei tempo para estudar, mais aqui ta sendo muito importante para mim.

Espaço e tempo que favorece a saúde mental, que permite o sentimento de *humanização*, como descrevem os apenados,

aqui me sinto gente
com estudo passo a ser uma pessoa

A sala de aula favorecendo a ligação com a sociedade:

esta cendo bom estudar, pois é uma maneira de manterme o mais lúcido possível, pois tenho trez filhas e dois netos e quando sair quero estar em plena saúde mental, pois todo sabemos que, uma maquina parada, atrofia, estraga, e é por isso que eu tento ocupar o meu tempo da melhor fôrma.

freqüento as aulas para manter me, atualizado em situações de educação, é um vinculo que deixa o preso interligado com a sociedade.

A escola como produtora de esperança de um futuro melhor:

enquanto estiver em oportunidade e condições estarei lá, na sala de aula me dedicando com atenção e esperança de aprender cada vez mais. para que quando eu alcansar minha liberdade ja possa arumar um emprego para trabalhar.

Um espaço de satisfação:

os estudos nos proporcionam momentos felizes! Além de nos ajudar a sermos mais inteligentes.

Espaço e tempo de esquecer a condição de *bandido*:

venho para aula, porque aqui converso com outras pessoas, sobre outros assuntos, que não seja sobre crimes.

é um momento de descontração, todos nos falamos asuntos diferentes do dia a dia da cadeia.

Quanto à relação professor e aluno, observei, nos momentos em que estive presente na sala aulas, que era afetiva, sem perda do respeito. Os alunos conversam com a professora sobre todos os assuntos, inclusive os particulares. Questionam-na sobre os fatos ocorridos durante a semana, tanto fora como dentro da prisão. Com sua ajuda, escrevem cartas para os familiares, solicitam atendimentos médicos, odontológicos, psicológicos e sociais.

Ela, por sua vez, leva-lhes jornais com matérias publicadas para serem discutidas em sala de aula (o que os mantém informados dos acontecimentos exteriores).

As regras que vigoram na sala de aula são detalhadamente explicadas e acatadas por todos, sendo que, de acordo com a docente, nunca enfrentou problemas com a ordem e/ou disciplina, tendo sido desnecessário, em qualquer tempo, solicitar a intervenção da guarda. Os alunos novos são orientados pela professora sobre o regimento escolar, os deveres e direitos de cada um e seu papel enquanto docente. Esclarece as dificuldades que irão encontrar em relação ao horário, os dias permitidos para ter aula, a necessidade de uma boa relação com a guarda, a falta de materiais didáticos e a importância do bom entrosamento e respeito entre os colegas.

Foucault (2004b, p. 182), oferece referências que permitem “(...) captar o poder em suas extremidades, em suas últimas ramificações. Lá onde se torna capilar; captar o poder nas suas formas e instituições mais regionais e locais (...)”, e por conseqüência, analisar o espaço escolar na prisão, como o lugar onde o poder disciplinar produz saber, mantém-se, é aceito e praticado por todos os membros da instituição escolar numa relação hierárquica.

Exercer pressão constante sobre os alunos para que todos dêem atenção nos estudos façam as tarefas e respeitem as normas é parte de um sistema punitivo com função normalizadora. O normal se estabelece como princípio de coerção e com ele o poder de regulamentação.

O carinho quase infantil dos alunos pela professora se manifesta através de desenhos, poesias e artesanatos confeccionados por eles. Questionada se alguma vez se sentiu constrangida por estar a sós com vários homens, que muitas vezes não vêem mulheres por algum tempo, respondeu que não e que jamais se sentiu desrespeitada, até porque, no espaço escolar, a relação é de professor e aluno e, não, homem e mulher, circunstância muito clara para os apenados que ali estão.

Nos depoimentos, a professora aparece como alguém de grande importância em suas vidas, a quem se sentem agradecidos. Diz um deles:

tanbei fico grato pela profesora de ela me dar o maior apoio de incentivo as aulas muito obrigado dona [...] que Deus ilumine todos os dias de trabalho seu!!!”.

Agradecem pela dedicação dirigida especialmente a eles, fazendo-os acreditar em si mesmos:

também com o passar das aulas, comecei a gostar da professora, por ela ser uma pessoa dedicada com seus alunos. Ela nos dá uma atenção toda especial. Isso faz com que eu me interesse, pelos estudos.

Demonstram gratidão por essa pessoa que, dentro da sala de aula, representa o lado de fora, que possui vínculos com a sociedade e que os mantém, a partir disso, incluídos num mundo do qual, no momento, estão excluídos.

Em suas falas, demonstram estar *aprendendo* a compreender o mundo, a sociedade, os acontecimentos extramuros:

[...] me faz sentir melhor, pelo relacionamento com a professora que esta em contato com o mundo e que nos aproxima deste, em pequenas doses.

Além disso, mostram que aprendem a se comportar nele de maneira a serem vistos como iguais. São agradecidos por se sentirem aceitos, acolhidos e tratados como pessoas comuns, e não, como bandidos perigosos, que devam viver isolados de tudo e todos por não terem uma conduta condizente com a maioria. Essas preocupações em serem pessoas comuns, aceitas, incluídas, é percebida quando expressam desejos de *ser alguém*, como se não o fossem. Manifestam sentimentos reproduzidos pelo senso comum de que, para mudarem de vida e para serem felizes, é necessário ‘ter estudo’, para então conseguirem um trabalho *decente*. Caso contrário, entendem que estarão fadados ao fracasso, ao crime e à prisão. Para eles, o espaço escolar na prisão é uma forma de inclusão social. Mesmo excluídos pelo aprisionamento, estão incluídos pela escola, pelo que ela representa para cada um deles. Em suas próprias palavras:

Mais hoje estou estudando porque o estudo e muito importante. Ter estudo me faz muita falta hoje vejo o quanto o estudo e util para mim pois hoje em dia para arumar emprego em qualquer firma tem ter o primeiro grau. completo por isso vejo que o estudo e hutil no dia a dia da minha vida com estudo passo a ser uma pessôa a ter mais conhecimento. pois não consegui a completar os estudo por o sistema não ter colocado profesoeres para dar aula no sistema quando comesei a cumprir minha pena. Mais hoje estou estudando para ver se recopero o tempo que fiquei sem estudar. Nestes 16, anos que cumpro minha pena hoje a cada dia que passo a me dedicar mais a estudar e vou tentar dar continuidade após sair para o regime seme aberto. que vai vir a me ajudar muito a continuar estudando. sem estudo não consigo nem um emprego digino e com condições de viver num bom emprego.

Os estudos é importante para todos nos. E nós somos as pessoas que mais. Precisamos dos estudos, porque sem ter estudos. A gente não chega a lugar nenhum. E eu quero ser alguem na vida um dia. Sair em liberdade, estudar, trabalhar. E construir minha familia de novo.

Freqüentar a escola enquanto cumpre pena, como esperança de ser aceito pela sociedade e pela família está também registrado, conforme vemos a seguir.

Hoje estou com 43 anos sei que perdi minha juventude, mais a minha vida “ainda não acabou” sei que poço fazer muito por mim e pela familia e esse é o motivo de me fazer querer ser melhor do que fui até agora.

Eu quero ser alguem na vida um dia. Sair em liberdade, estudar, trabalhar. E construir minha familia de novo, eu já estou sofrendo a anos já e aprendi que – a vida do crime a gente não vai alugar nenhum e agóra quando eu sair eu – vou me regenerar vou ser uma outra pessoa, pois quero ser alguem na vida e quero ser feliz e minha familia vai ficar feliz em ver que eu mudei para melhor.

A educação escolar na prisão é a possibilidade de reflexão das suas escolhas:

fui um menino esperto no colégio sempre tirei notas boas e o estudo não faz mal a ninguem porque sem os estudos a gente não vai a lugar nenhum, pois Poe exemplo até para arrumar um emprego tem que ter estudo e eu estudo porque eu gosto e quando eu sair eu vou continuar sempre estudando e vou trabalhar porque eu quero ser alguem na vida e quero ser feliz e sei que a minha familia vai se orgulhar de mim, pois eu tenho 2 filhos o [...] e o [...] e eu tenho que dar um exemplo bom pra eles e quero que eles sempre estudem tambem porque a vida do crime não léva a nada, pessoas espertas são as pessoas que estudam e tem um bom trabalho e vivem bem com a familia e não as pessoas que tão no crime..

Freqüentar a escola por vontade própria - e não por imposição - representa poder escolher em qual grupo quer estar inserido:

Então ja que fui privilegiado com essa oportunidade não irei desperdisar com serteza porque ninguém ira bater na minha porta para perguntar se eu esto interessado em estudar. Eu acredito que a vontade tem que ser livre e espontanea.

Esses depoimentos, repletos de erros ortográficos, de falta de concordância verbais, tão distantes da linguagem formal, mas também carregados de sentimentos e percepções particulares, podem, agora, ser expostos em função de um espaço escolar e de tudo que ele oportunizou na vida dessas pessoas presas. Muito além da aprendizagem escolar, é visível o desejo de mudança na forma de agir, de ser e de viver em sociedade.



Fig. 6 – Galeria: PASC

O homem se faz ao se desfazer: não há mais do que risco, o desconhecido que volta a começar. O homem se diz ao se desdizer: no gesto de apagar o que acaba de ser dito, para que a página continue em branco. [...] Exercita-se no escutar. Aprende a ler e a escrever de novo. Conta-te a ti mesmo a tua própria história. E queima-a logo que a tenha escrito. Não sejas nunca de tal forma que não possas ser também de outra maneira. Recorda-te de teu futuro e caminha até a tua infância. E não perguntes quem és àquele que sabe a resposta poderia matar a intensidade da pergunta e o se agita nessa intensidade. Sê tu mesmo a pergunta. (LARROSA, 1998, p. 53)

CAPÍTULO V AONDE CHEGUEI...

Desconstrução da possibilidade ressocializadora da pena de prisão: da violência ao disciplinamento do apenado / aluno

Uma das características da população carcerária no Brasil é sua baixa escolaridade, conforme dados mostrados na Revista Época (AZEVEDO, 2004): 10% são analfabetos, 70% não completaram o ensino fundamental, 60% tem menos de 30 anos e apenas 17% estuda durante o cumprimento de pena de prisão. Empiricamente, há forte indicação de que existe uma relação entre os níveis de escolaridade e a criminalidade.

Apesar do aspecto educacional constar no Código Penal e no Código de Processo Penal, na realidade do nosso sistema penitenciário isso ainda não é plenamente aplicado. A educação, nesse ambiente, não é eleita como prioridade. A tão propagada recuperação do apenado pela simples privação da liberdade não tem se mostrado eficaz, como indica a realidade do sistema carcerário brasileiro e os depoimentos colhidos nesta pesquisa. Baseada na *reeducação, cura* ou *correção* do criminoso, essa atual prática penal tem por objetivo eliminar os comportamentos não desejáveis e não aceitos pela sociedade. Para reeducar essas pessoas, conforme esse discurso, é necessário atingir sua consciência, sua subjetividade, sua psique.

A partir dessas considerações, questiono: será que alguém acredita realmente que isso seja possível dentro de um ambiente fétido, escuro, insalubre e, acima de tudo, extremamente violento? Que pessoas jamais educadas, não integradas à sociedade, podem, depois de muito descaso e sofrimento, ser reeducadas, reintegradas ou ressocializadas? Creio que não, enquanto buscarem combater o *mal* através de um *mal maior*: o aprisionamento.

Para Foucault (2004a, p.18), a mudança nos mecanismos de punição e a diminuição dos suplícios se deram entre o ano de 1760 e 1840. Porém, não acabaram, “permanece, por conseguinte, um fundo ‘supliciante’ nos modernos mecanismos de justiça criminal – fundo que não está inteiramente sob controle, mas envolvido, cada vez mais amplamente, por uma penalidade incorporeal”. A

prisão surge como resultado das articulações da sociedade, possivelmente a mais funesta e, talvez, a mais engenhosa obra do ser humano. O estilo de punição legitimado (juridicamente) e admitido socialmente é também aceito pelo apenado, sem que tenha alternativa ou escolha. A aplicação da pena fica ao encargo da justiça que representa a sociedade, assim como a elaboração de programas dos inúmeros “*re*”: (re)ssocialização, (re)educação, (re)cuperação, (re)generação, (re)integração etc., que serão oferecidos aos bandidos, conforme os agentes prisionais, aos anormais, segundo Foucault.

Ninguém parou para ouvir o que essas pessoas querem efetivamente, de que forma eles admitiriam serem punidos ou como poderiam ser ajudados.

Enquanto existe grande preocupação com a remição como o grande benefício da educação carcerária, não se lê e não se escuta, em nenhum depoimento do maior beneficiário, que seja essa a sua motivação ou anseio para lutar por uma vaga tão disputada.

Alguém ouviu o preso?

Na maioria dos segmentos do espaço prisional, o apenado não tem escolha, opção, eleição e nem escuta. Apenas um deles – a escola – é seu local de *ser*, de *escolher*, de *optar*, de *falar* ou de *ser escutado*. Nesse momento, ele escolhe ir para a escola; opta pela ocupação de um espaço diferenciado do coletivo, do comum (não é mais *um*, é *aluno*); elege ocupar esse espaço renunciando, muitas vezes, ao banho de sol, ao trabalho⁴⁹ ou à própria ociosidade e de poder falar e ser escutado.

A inspiração de ir à escola, esforçar-se para conquistar uma vaga e nela se manter, manifesta-se em seus anseios verbalizados, por exemplo, nas expressões:

pra aprender um pouco mais do que sei
 para ver se recopero o tempo que fiquei sem estudar;
 prestar o vestibular e posteriormente cursar uma faculdade;
 poder disfrutar do que estou aprendendo”;
 “para ma vida nova; porque sem estudo não é nada fácil;
 seja como for acho que nunca é tarde pra recomesar aproveitar as oportunidades que dia la atrás, onde ainda era garoto desabroxando pra vida deixei fugir uma bela oportunidade dos estudos.

Por outro lado, o que o inspira a permanecer na escola?

⁴⁹ Como referido ao longo do texto, o trabalho é, legalmente, a via da remição.

O *processo identitário* pelo qual passa o apenado, na condição de escolarizado/ não escolarizado, aluno / bandido produz novas configurações. Nas palavras de Veiga-Neto (2002a, p.178):

[...] prefiro falar em *processos identitários*, e não simplesmente em identidades. Isso tem dupla vantagem. Em primeiro lugar, evita-se dar a entender que se está tratando de uma suposta "identidade em si", ou seja, evita-se cair na substantivação e reificação da identidade. Em segundo lugar, a expressão *processo identitário* marca um deslocamento no sentido de entender que aquilo que mais interessa são os processos que operam nas marcações e demarcações (sempre transientes) das identidades que são atribuídas a nós, ou que nos atravessam, ou que nós assumimos, ou nas quais nós nos colocamos etc. E como justamente se trata de *demarcações e posições* que são atribuídas a nós, ou que nos atravessam etc., tudo isso pode ser entendido como uma questão de espaços, agora no campo simbólico. Assim, os processos identitários são da ordem da cultura e da geometria.

A escola estruturada como prática social, com base no dispositivo escolarização, é produtora e reprodutora de formas sociais, da socialização, expressa na propagação da cultura escrita, do saber científico e da individualização.

Como o apenado traz consigo modelos e verdades prontas que compõem o senso comum, como: *tem estudo*, logo é importante, é inteligente ou é *alguém*, quando passa a fazer parte do mundo escolarizado, se permite acreditar que, tendo estudo, terá trabalho e, assim, poderá manter sua família e, por fim, ser feliz. Isso é manifestado na maioria dos depoimentos:

[...] agora pretendo mudar completamente de vida porque eu quero construir uma família para nós poder ser todos muito, mais feliz!!!

peessoas espertas são as pessoas que estudam e tem um bom trabalho e vivem bem com a familia.

quando eu sair eu vou me regenerar vou ser uma outra pessoa pois quero ser alguem na vida e quero ser feliz e minha familia. vai ficar feliz em ver que eu mudei para melhor.

acredito que estudando, realmente terei oportunidade com sabedoria encontrar minha felisidade.

as pessoas que estudao tem crandes chances de entrarem mercado de trabalho e assim tere um emprego bom e uma vida favoravel.

ajente não e ninquem no mundo sem os estudo.

Percebi que a motivação para buscar uma vaga na escola e a vontade de nela manter-se é favorecida e impressa no imaginário do apenado no momento em que ele tem a oportunidade de um disciplinamento distinto do que pretende o sistema prisional, qual seja, a dominação pela violência. O espaço escolar na prisão parece despertar individualmente o desejo de inclusão social, de fazer parte de um

espaço ao qual antes não tinha acesso, a uma realidade que não lhe permitiam nem ao menos almejar ou sonhar.

Assim, com base em tudo que vi, ouvi e li, a escola na prisão está a serviço não da ressocialização, reeducação, regeneração etc, como *ideologicamente* está implantado no objetivo da pena de prisão, mas na perspectiva de oportunizar ao apenado integrar-se por si só, por seu autodisciplinamento e / ou autogovernamento, na sociedade.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Solange. Prestes a explodir. *Revista Época*. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/EditoraGlobo/Artigo/exibir.ssp?artigoId=64725&secaoId=6014&edicao=316>>. Acesso em: 3 ago. 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *O mal estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama; Cláudia M. Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- BECCARIA, Cesare. *Dos Delitos e das Penas*. São Paulo: EDIPRO, 2000.
- BRASIL. Ministério da Justiça. *Lei de Execução Penal*. Lei n. 7.210, 11 jul. 1984. Brasília: Ministério da Justiça, 1984.
- FABRIS, Eli; LOPES, Maura. *Dificuldade de aprendizagem: uma invenção moderna*. Disponível em <<http://www.anped.org.br/28/textos/gt15/gt15874int.rtf>>. Acesso em: 15 maio 2006.
- FERREIRA, Gilberto. *Aplicação da Pena*. Rio de Janeiro: Forense, 1997.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. *Michel Foucault. Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Trad. Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231- 249.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Trad. Maria T. da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. Roberto Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: História da Violência nas Prisões*. 29. ed. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 19. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004b.
- GARCEZ, Pedro & ZILLES, Ana. Estrangeirismos - desejos e ameaças. In: GARCEZ, Pedro & ZILLES, Ana. *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001.
- GOMES, Luís Flávio (org.). *Constituição Federal – Código de Processo Penal – Código Penal*. 4. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: RT, 2002.
- HALLIDAY, M. *Language as a Social Semiotic: The Interpretation of language and meaning*. London: Arnold, 1979.
- ISERHARD, Antonio Maria. *Caráter Vingativo da Pena*. Porto Alegre: Sérgio Fabris, 2005.

KANT, Immanuel. *Sobre a Pedagogia*. Trad. Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: UNIMEP, 1996.

LARROSA, Jorge. *Pedagogia Profana: Danças, piruetas e mascaradas*. Trad. Alfredo Veiga-Neto. Porto Alegre: Contrabando, 1998.

LARROSA, J. Notas sobre a Experiência e o Saber da Experiência. *I Seminário de Educação Internacional de Campinas*. Tradução: João Wanderlei Geraldi. Acessado em: <www.pmc.gov.br/smenet/seminario_pronto_jorgelarrosa.htm>, 2001.

MACHADO, Roberto. Introdução: por uma genealogia do poder. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 19. ed. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2004. p. VII-XXIII.

MARSHALL, James. *Governamentalidade e Educação Liberal*. In: SILVA, Tomaz T. da (org). *O Sujeito da Educação – estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 21-34.

NASSIF, Nycia Negrão. *Educação entre as grades: O espaço escolar na prisão e o disciplinamento dos apenados*. Canoas: 2006. Projeto de Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Luterana do Brasil, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zarathustra*. Trad. Mário da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

OLIVEIRA, Odete Maria. *Prisão: um paradoxo social*. Santa Catarina: UFSC, 2003.

PAIM, Luiz Alfredo. A prisão recupera? *Cidadania*. Jornal da Secretaria de Justiça, do Trabalho e da Cidadania do Rio Grande do Sul, n. 4, s/p., nov./dez. 1993.

PRESOS são usados como cobaia em Iraí. *Zero Hora*, Porto Alegre, 8 jun. 2006. p.06.

ROCHA, Cristianne Farmer. *Desconstruções edificantes: uma análise da ordenação do espaço como elemento do currículo*. Porto Alegre: 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1999.

THOMPSON, Augusto. *A questão penitenciária*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.

VARELA, Júlia. Categorias espaço-temporais e socialização escolar. In: COSTA, Marisa (org.). *Escola básica na virada do século*. Porto Alegre, FAGED/UFRGS, 1995. p.37-63.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e Educação: Há algo de novo sob o sol? In: VEIGA-NETO, Alfredo (org.). *Crítica Pós-estruturalista e educação*. Porto Alegre; Sulina, 1995. p 9-56.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola. In: *Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino* (ENDIPE), n.10. Rio de Janeiro, 2000a.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os Estudos Culturais. In: COSTA, Marisa (org.). *Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2000b. p. 37-69.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Regulação social e disciplina*. In: SCHIMIDT, Sarai (org.). *A Educação em tempos de globalização*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 45-48.

VEIGA-NETO, Alfredo. De geometrias, currículo e diferenças. *Educação & Sociedade*, Campinas, n. 79, v. 23, p. 163-186, ago. 2002a.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

ZAFFARONI, Eugênio Raúl. *Em Busca das Penas Perdidas – A Perda de Legitimidade do Sistema Penal*. Rio de Janeiro: Ed. Revan, 5ª edição, 2001.

ZERO HORA, Porto Alegre, 26 set. 2004. Polícia, p. 42.

OBRAS CONSULTADAS

- CHIES, Luiz Antônio. *Prisão e Estado*. Pelotas: EDUCAT, 1997.
- COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em Educação. In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em Educação*. Porto Alegre: Mediação, 1996. p. 7-18.
- COSTA, Marisa Vorraber. A escola rouba a cena! In: COSTA, Marisa Vorraber (org.). *A escola tem futuro?* Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.11-22.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. Trad. Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- EWALD, François. *Foucault, a norma e o direito*. Lisboa: Veja, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *El yo minimalista y otras conversaciones*. Sel. Gregório Kaminsky. Buenos Aires: La marca, 1996.
- FOUCAULT, Michel. A sociedade punitiva. In: FOUCAULT, Michel. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Trad. Andrea Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 25-44.
- FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-saber*. In: MOTTA, Manoel Barros de (org.). *Ditos & Escritos*. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- GORE, Jennifer. Foucault e Educação: Fascinantes Desafios. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *O Sujeito da Educação – estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 9-20.
- LARROSA, Jorge. Tecnologia do Eu e Educação. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *O Sujeito da Educação - estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 35-86.
- LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a Educação*. Trad. Semíramis Gorini da Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- MAIA, Antonio C. A genealogia de Foucault e as formas fundamentais de poder/saber; o inquérito e o exame. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; BAETA NEVES, Luiz F. (orgs.). *Michel Foucault: da arqueologia do saber à estética da existência*. Londrina/Rio de Janeiro: Cefil/Nau, 1998. p. 103-145.

MISSE, Michel. O final da cadeia. Interpretações da violência no Rio. In: CASTELO BRANCO, Guilherme; BAETA NEVES, Luiz F. (org.). *Michel Foucault: da Genealogia do Poder à Estética da Existência*. Londrina/Rio de Janeiro: Nau/OCBB/UEL.

MORAES, Pedro Bode. *Punição, Encarceramento e Construção de identidade profissional entre agentes penitenciários*. São Paulo: IBCCRIM, 2005.

NARODOWSKI, Mariano. La pedagogia moderna. In: NARODOWSKI, Mariano. *Infância y poder. La conformación de la pedagogia moderna*. Buenos Aires: Aique, 1994.

NUNES, Adeildo. *A Realidade das Prisões Brasileiras*. Recife: Nossa Livraria, 2005.

ROLIM, Marcos. Prisão e ideologia: limites e possibilidades para a reforma prisional no Brasil. Santa Maria: Faculdade de Direito, Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <<http://www.br/direito/artigos/execução-penal/prisão-ideologia.htm>>. Acesso em: 11 de maio 2006.

VARELA, Júlia. O estatuto do saber pedagógico. In: SILVA, Tomaz T. da (org.). *O Sujeito da educação*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 87-96.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A Maquinaria Escolar. *Teoria & Educação*, Porto Alegre, n. 6, p. 68-96, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. *A Ordem das Disciplinas*. Porto Alegre: 1996. Tese. (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1996.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000c. p. 9-20.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Dominação, violência, poder e educação*. In; RAGO, Margarete e VEIGA-NETO, Alfredo (org). *Figuras de Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 15-44.

ANEXOS

ANEXO 1 – PESQUISA DE CAMPO

Instrumento de coleta de dados – 1 –

PESQUISA DE CAMPO – QUESTIONÁRIO – APENADO

I - Identificação

Nome: _____

Apelido _____ Data de Nascimento : ____/____/____

Idade: _____

II- Execução da Pena

Artigo: _____ Pena total: _____

Data inicio da pena: ____/____/____

Reincidência: SIM () NÃO ()

Fugas: SIM () NÃO ()

III- Formação Escolar Pgressa

Idade que iniciou os estudos: _____

Idade de interrupção: _____

Ultima série cursada: _____

Motivo interrupção: _____

Reprovação: SIM () NÃO ()

 Quantas vezes: _____

Gostava de estudar: SIM () NÃO ()

Porquê _____

Já se submeteu a exame supletivo: SIM () NÃO ()

 Aprovado: SIM () NÃO ()

IV - Formação Escolar na Prisão

Série que cursa: _____

Data de inicio : ____/____/____

Motivo: _____

O que mais gosta na escola:

O que menos gosta:

Que importância dá aos estudos atualmente:

Pretende continuar os estudos em liberdade:

O que mudou em estudar na prisão:

Fale sobre a professora:

Instrumento de coleta de dados – 2-**PESQUISA – DEPOIMENTOS ESCRITOS E REDAÇÕES****DEPOIMENTO 01 –****I- Identificação do Aluno****Nome:**_____ **Idade:** _____**Escolaridade:** _____ **Data de matrícula:** ____/____/____**Série:** _____ **Idade da interrupção:** _____**Reprovação:** _____**Motivo** _____**II – Título:**

II – Conteúdo:**1) Motivação:****2) Tempo e espaço escolar:****3) Relação professor e aluno:****4) Inclusão social:**

ANEXO 2 – FOTOGRAFIAS



Sala de aula – trabalhos dos alunos



Sala de aula – trabalhos dos alunos



Sala de aula



Sala de aula

ANEXO 3 – LIGAS DE AULA

ANEXO 4 – TEXTO DOS APENADOS SOBRE A ESCOLA

Porque eu estou estudando? (11)

Porque estudar é importante em qualquer lugar.

Porque eu gosto de aprender.

Porque estudar é a melhor coisa que eu posso fazer neste lugar.

Porque sem estudo não é nada fácil.

É uma pena que a casa não colabore para eu poder estudar todos os dias da semana, mas mesmo que continue a aula só uma vez por semana eu não vou deixar de estudar.

Eu não sei como que querem recuperar um preso se ^{nos} nos operesem estudo é nem uma outra atividade de trabalho.

12/08/05 **PARA****EU**

12

ESTUDO

"Em primeiro lugar o meu nome é Leonardo Ubirajara Soares Cardoso e eu estudo porque os estudos é muito bom pra mim, os estudos faz eu aprender mais do que eu já sei eu fui um menino que sempre estudei na vida nunca deixei de estudar eu quando eu fui preso foi dia 10 de agosto de 2001 eu já tinha me inscrito para fazer "Supletivo" eu ia começar a estudar em "Setembro de 2001" mais infelizmente não deu pois aconteceu isso comigo e fui preso eu sempre fui um menino esperto na escola sempre tive notas boas e o estudo não faz mal a ninguém porque sem os estudos a gente não vai a lugar nenhum, pois por exemplo até para arrumar um emprego tem que ter estudo e eu estudo porque eu gosto e quando eu sair eu vou continuar sempre estudando e vou trabalhar porque eu quero ser alguém na vida e quero ser feliz e sei que a minha família vai se orgulhar de mim, pois eu tenho 2 filhos o São Júnior e o Leandro e eu tenho que dar um exemplo bom pra eles e quero que eles sempre estudem também porque a vida do crime não leva a nada, pessoas espertas são as pessoas que estudam e tem um bom trabalho e vivem bem com a família e não as pessoas que tão no crime..."

"Eu finalizo essa redação agradecendo por quem fez a seleção das pessoas que iriam estudar por ter deixado eu estudar"

MUITO**OBIGADO****!!!**

AGS

LEO

10108105-

10

Redação

Título:

TÍTULO PORQUE EU ESTUDO

Este Pergunto à Você

QUAL O MOTIVO QUE LEVA-ME
ESTAR DENTRO DUMA SALA DE AULA

AOS 35 ANOS DE IDADE PRIVADA A
18 ANOS DE MINHA LIBERDADE

SEM MUITO CONHECIMENTO DA ATUALIDADE
PELOS LONGOS MOMENTOS AFASTADO
DA NOSSA SOCIEDADE

SEJA COMO FOR ACHO QUE NUNCA
É TÃO BOA OPORTUNIDADE APROVEITAR
AS OPORTUNIDADES QUE DÁ A ATRAS, ONDE
AINDA ESTÁ GANHO DESABRANCHANDO
PRA VIDA DEIXEI FUGIR UMA BELA
OPORTUNIDADE DE ESTUDAR.

OS ESTUDOS É CONHECIMENTO PRAZER
CULTURA É TANTOS OUTROS BENEFÍCIOS
PRÓ NOME FUTURO GARANTINDO E
NÃO UM INCÔNITO COMO DO MEU
COTIDIANO HOJE.

SEJA ASSIM ENTÃO VOU ME DEDICANDO
MESMO SEMPRE UM POUCO CONHECENDO
ESTAR DENTRO DUMA SALA DE COM
MINHA SITUAÇÃO PRECÁRIA DE CONHECIMENTO
SEM TALENTO

VÁZ SEM CON CÉSTOZA ÚTIL E ENQUANTO
ESTIVER EM OPORTUNIDADE E CONDIÇÃO

- ESTAREI LÁ, NA SALA DE AULA

- ME DEDICANDO COM ATENÇÃO E ESPERANÇA
DE APRENDER COMO VIZ MAIS - PARA QUE

QUANDO EU VIM ALCANÇAR MINHA LIBERDADE JA POSSA
APRENDER UM CUBO DE TUDO TRABALHAR.

(8)

POR FREQÜENTO AS AULAS NA PRISÃO

FREQÜENTO AS AULAS PARA MANTER ME ATUALIZADO EM SITUAÇÕES DE EDUCAÇÃO, É UM VÍNCULO QUE DEIXA O PRESO INTERLIGADO COM A SOCIEDADE É UMA FORMA DE MANTER O SABER SEMPRE EM MOVIMENTO, EM COISAS ÚTEIS E PRODUTIVAS, POIS AS MAIORES FRAGILIDADES DAS PRISÕES É TER OCUPAÇÕES PARA QUE UM DIA NÃO SEJE UM ANO.

SE AS INSTITUIÇÕES, OS ÓRGÃOS GOVERNAMENTAIS, FOSSE FREQÜENTE EM TERMOS DE ENVESTIMENTO O NÚMERO DE REENCIDENTE NAS PRISÕES SERIAM MENORES QUE OS DADOS ATUAIS. MAIS, TAL SITUAÇÃO NÃO PODE SER DE ARGUMENTO, PARA NÃO FAZER-SE PRESENTE, EM FREQÜENTAR A SALA DE AULA.

POR ESSAS E OUTRAS EU GOSTO DE FREQÜENTAR AS AULAS.

Charqueadas, 12 de agosto de 2005. ^(a)

Por que estudar?

Para mim o estudo é o caminho que encontrei de me atualizar enquanto estou cumprindo minha pena imposta pela Justiça, ocupando assim meu tempo com algo muito proveitoso, que é estudar.

Algumas razões que me levaram a escola, também foram por ter filho estudando e pouco saber para ajudá-lo.

Outro motivo é que realmente gosto de aprender, saber mais.

Com este ano já se fazem 3 (três) anos que vou ter a estudar.

E acredito que estudando terei mais possibilidades num futuro próximo de encaminhá-lo profissionalmente.

Mas o motivo mais forte é que realmente estudar me faz muito bem, e descobri que meu maior erro foi parar de estudar, e acredito que nunca é tarde para aprender, por isso voltei a escola.

Porque eu estou Estudando.

Os estudos são muito fundamental para o desenvolvimento humano.

As pessoas que estudam tem grandes chances de entrarem no mercado de trabalho e assim ter um emprego bom e uma vida maravilhosa.

Eu estudo para aprender, e assim quando tiver em liberdade, poder disfrutar do que estou aprendendo.

Eu pretendo com os estudos, uma nova chance para uma vida nova, pretendo continuar estudando quando estiver em liberdade.

Posso garantir; que as pessoas que estudam não vão se arrepender no futuro.

Por isso minha gente eu aconselho a quem não tem estudo, que nunca é tarde de mais para querer aprender.

Aprender é se desenvolver...

12/5/05

Quando estou estudando.

Eu estou estudando para ser alguém na vida e quando eu sair eu pretendo CONTINUAR MEUS ESTUDOS porque.

Os estudos é importante para todos nós. E nos serve as pessoas que mais. Nos damos dos estudos, porque sem eles não vamos.

Quando não chega a lugar nenhum.

E quando se chega na vida um dia. E quando se chega, estudando, trabalhando.

E construir uma família de vocês. E quando se chega.

Quando se chega e eu não aprendi que.

A vida não é crível a gente não sabe.

Quando se chega quando eu sair eu.

Quando se chega não ser uma outra.

Quando se chega não ser ninguém na vida.

Quando se chega não ser família.

Quando se chega não ser que eu.

Quando se chega não ser.

Estou estudando pra aprender um pouco mais do que sei.

Com isso consegui um trabalho com mais facilidade.

O tempo passa mais rapido quando estou na sala de aula.

quando estou estudando até esqueço os problemas que é estar preso.

É um momento de descontracão.

todos nós falamos assuntos diferentes do dia a dia da cadeia.

tudo o que aprendemos vai nos ajudar no futuro da nossa vida.

tenho certeza de que estou aproveitando muito bem o tempo na sala de aula.

9

O porque estou estudando
 tenho muito medo de me revelar para o outro...
 e preferimos criar muitas máscaras coloridas que uma
 ginomias passam enquanto aquilo que somos porque
 pensamos erroneamente que o outro não vai gostar
 do mesmo ser... Na verdade pensamos assim porque
 nós não gostamos de algumas coisas que somos e
 tentamos esconder... sem nos darmos a oportunidade
 de conhecer melhor aquelas partes que temos tanto
 medo de olhar para elas... e passamos uma grande
 parte do tempo criando estas máscaras com a intenção
 inconsciente de esconder essas partes... mas como aque-
 las máscaras não são a nossa essência de um tra-
 balho demais ficam mostrando essas falsas imagens
 que passamos de nós mesmos e muitas vezes nos
 enganamos tanto a elas que até acreditamos que
 somos mesmo aquilo que um dia criamos para
 nos proteger... de tão impregnadas que elas ficam
 mas como vivemos aqui para aprender para evoluir
 e o caminho para isso é o auto-conhecimento essas
 muitas máscaras impedem que nos revelemos como
 somos... Então o universo em seus caminhos ma-
 gicos nos faz encontrar pessoas e situações que vão
 nos mostrar aquelas partes de nós...

A princípio temos a tendência de não encon-
 tar na gente aquilo que tanto imosmoda no outro
 e preferimos fugir dessas pessoas e situações... mas não
 tem como fugir de nós mesmos... porque logo depois
 vamos nos encontrar com outros seres que vão nos
 lembrar de novo aquilo que tentamos esconder...
 quando temos medo de ir além dessas máscaras...
 também nos impedimos de acessar a felicidade que

esta lá esperando. Então, quando nos encontramos em situações que nos fazem ver coisas que não gostamos em vez de lutar e se perguntar - porque isso sempre acontece comigo? Devotamos perguntar: O que essa situação está querendo me ensinar? qual é o aprendizado aqui?

O que eu posso transmitir em mim pra não mais precisar atrair esse tipo de situação?

Quando a nossa motivação de crescer é pura logo o universo se encarrega de também nos dar as ferramentas que vamos usar pra sair de uma vez por todas dessas padrees, que ficam repetindo incômodos regras pra finalmente nos libertarmos. Vamos reconhecer as máscaras que usamos pra nos proteger e que estão na verdade nos impedindo de ser...

E ser é tão bom, e dá muito menos trabalho do esconder o que somos e que essas máscaras nos escondem tanto que nós até nos esquecemos de quem está por trás delas, mas a recompensa é certa... A recompensa que encontramos quando temos a coragem de ir além das máscaras é tão bonita e surpreendente, que nenhuma palavra pode descrever essas bênçãos dos encontros com nós mesmos.

É durante as fases de maior vulnerabilidade que surgem as grandes oportunidades de se jogar o bem a si próprio e aos outros.

Educação Liberta.

Ainda Não Acabou:

Estou condenado à uma pena de 13 anos e dois meses, estou cumprindo cerca de 5 anos desta pena, e como da para observar os erros de caligrafia e ortografia são muitos, e este é um dos motivos pelo qual lutei para conseguir uma vaga no colégio, que apesar de ser apenas duas horas semanais, me faz sentir melhor, pelo relacionamento com a professora que está em contato com o mundo e que nos aproxima deste, em pequenas doses, Também está com bom estedat, pois é uma maneira de manterme o mais lúcido possível, pois tenho três filhas e dois netos e quando sair quero estar em plena saúde mental, pois todos sabemos que, uma máquina parada, atrofia, estraga, e é por isso que eu tento ocupar o meu tempo da melhor forma.

Na cela eu estou sempre lendo livros, e a bíblia, e faço trabalhos artesanais, como pintar cerca de ovos

obs: quero deixar apontado esta reclamação: está sendo muito difícil conseguir material para poder trabalhar, uma simples caixinha de lápis de cor de uma polêmica com o segurança da cara.

②

12/08/05

Porque resolvi estudar

Desde que comecei a cumprir pena em 1989, procurei a ocupar o meu tempo com leituras que viessem a me trazer benefícios no campo de ensino.

Tive como meta concluir o ensino fundamental e médio porque acreditava que com esse objetivo alcançado conseguiria a progressão de regime para prestar o vestibular e posteriormente cursar uma faculdade.

Cheguei a pagar o curso de 2º Grau por correspondência pelo Padre Reus para me preparar nas provas elaboradas pela Secretaria de Educação.

Só que cada vez que me inscrevia para as provas, acabava sendo transferido de uma casa prisional a outra e, com isso, não conseguia alcançar o meu objetivo.

Agora já tenho o ensino médio concluído e há muito tempo poderia estar em um regime mais brando.

Por este motivo estou sempre procurando recapitular o que já aprendi, para quem sabe um dia, eu possa me valer do Estado e alcançar o objetivo traçado há muito tempo atrás.

15 - 8 - 2005 -

(14)

Porque eu estou estudando

Eu estou estudando porque nunca
é tarde para aprender mais eu
estudo porque o estudo é muito
bom e até para procurar um
emprego hoje tem que ter estudo
opente não e ninguém no mundo
sem o estudo e quando eu sair
vou continuar estudando!

para um dia eu sair e procurar
um emprego melhor para
ajudar a minha família
e um dia ser feliz

Ainda Não Acabei

Me pediram para que eu escrevesse, sobre mim mesmo vou tentar ser o mais objetivo possível, pois é pra fazer isso em apenas esta folha de papel.

Sou de família pobre, tenho em 10 irmãos legítimos, e mais 10 irmãos ilegítimos, parei de estudar aos 7 anos, e comecei trabalhar em um frigorífico, onde ganhava 1/2 salário mínimo o qual ia todo para ajudar em casa, os 18 anos saí deste emprego, pois avia feito teste em exercim na brigada e avia passado, e o salário era bom, dava quase duas vez a que eu ganhava no frigorífico, na cidade de Estúlio Vargas que é a minha cidade natal.

Casei Também aos 18 anos, sem intêntera nem uma pois a minha esposa tinha engravidado, nasceu a minha primeira filha e logo veio a segunda e também a terceira, gente quando eu vi eu tôra mesmo numa situação complicada, mais lutei como podia, assumi mais dois empregos e foi assim por 8 anos, os melhores da minha vida, depois eu atendi uma ocorrência eu cometi um erro, e fui julgado, condenado e expulso da corporação.

30 meses foi a minha sentença, gente a minha filha mais velha tinha então 8 anos, eu tinha que pagar uma escola, deixar minha família sem nem um sustento para cumprir a sentença, ou fugir, aí o meu coração e a responsabilidade da pai falou mais alto, fugi sói muito, mais vivi minhas amadas filhas, nesse tempo me compiquei mais ainda com a justiça, hoje tô com com 13 anos e 7 meses de condena, ôlha aqui onde eu estou preso não é fácil de manter a lucidez, [a fora nunca tive tempo para estudar, e esse é um dos motivos ^{do porquê} que estou estudando, sei que 2 horas semanais não é muito, mais só de poder falar com alguém de ter contato com uma pessoa que está lá fora isso me ajuda, pois assim é que eu procuro me manter lucido e com a cabeça no lugar, pois hoje tenho netos e quando sair sei que vou

Ter muita dificuldades a serem enfrentadas e a minha cabeça tem de estar bem.

Não sei se lá fora Terá tempo para estudar, mais aqui tá sendo muito importante para mim.

Além de poder falar com alguém de fora do sistema, Também estou reaprendendo o que avia aprendido a 30 anos atrás, redescobrimos como escrever direito e fazer conta e resolver problemas.

hoje estou com 43 anos sei que perdi minha juventude, mais a minha vida "Ainda não acabou" sei que posso fazer muito por mim e pela família. e esse é o motivo de me fazer querer ser melhor do que fui até agora.

Gente agora dia 16 de agosto vai fazer 20 meses que eu não vejo o meu neto e mereço 600 dias eu perdi, não pude acompanhar as descobertas de dia a dia dele, que agora está com três anos ele é o que temo de mais importante na minha amarga vida, ele é o que me inspira e me faz acreditar que a minha vida pode ser melhor e eu devo isso a ele e a minhas filhas, se vou conseguir, eu ainda não sei, o que sei é que

Ainda não acabou, a vida deve ser vivida com mais respeito a mim e a eles...

Mais moque depender de mim, vou me esforçar para ser um bom pai, um bom avô.

15

PAV. A: D 29

①

Gosto de estudar! aprender me faz muito bem, já fazem 3 (três) anos que vou à escola, pois descobri que necessitava de saber mais, e pelo fato de no momento estar preso ocupo meu tempo com algo realmente proveitoso.

Ho pensar em meus filhos, todos adolescentes precisando de alguém que saiba mais que eles. acredito que ao estudar estarei abrindo fronteiras para quando retornar para o convívio de meus familiares, ai sem encaminhar-me com o término de meu 1º grau uma melhor situação no âmbito de trabalho.

Acredito que estudando realmente terei (chance) (para) oportunidade com sabedoria encontrar minha felicidade.
É como falar, gosto de estudar!

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)